

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DA BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

ÂNGELO ANTÔNIO FERREIRA

**COMUNICAÇÃO PARA
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**
Estudo da organização não-governamental
Ingá Estudos Ambientais

PORTO ALEGRE
2013

ÂNGELO ANTÔNIO FERREIRA

COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Estudo da organização não-governamental Ingá de Estudos
Ambientais

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de comunicação com habilitação em Relações Públicas, pelo Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Girardi.

PORTO ALEGRE

2013

Dedico essa conquista a minha querida inesquecível Tia Nene Gomes a quem eu quero sempre render homenagem, por ter acreditado em mim e apoiar-me em todo sentido. Sem ela esse sonho seria impossível. Ao meu falecido Tio Upá Ferreira. Que sua alma descanse em paz. Ao meu irmão Virgílio Ferreira que sofreu um acidente e teve um pé amputado.

AGRADECIMENTOS

Quando o sonho chegou e me abraçou, nem hesitei e corri atrás. Foi difícil tomar a decisão de ficar longe da casa durante esse tempo todo. Mesmo sabendo que iria enfrentar grandes desafios, sempre acreditei que não se conquista grandes sonhos sem grandes desafios. E nenhum desafio é grande quando a vontade fala mais alto.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por fazer esse sonho tornasse uma realidade, que é bastante fundamental na minha vida.

Agradeço aos meus pais António J. Ferreira e Mariama Gomes pelos seus apoios e afeto.

Agradeço a minha orientadora a quem eu estou devendo muito, pelo seu apoio durante toda minha trajetória, por ter aceitado a orientação, pela sua paciência e ponderação e por ter me apoiado nos meus momentos difíceis. Sem a ela não teria o conhecimento suficiente para produzir esse trabalho.

Agradeço aos meus primos Joaquim Mendes, Jorge Mendes, pelo apoio e incentivo que me deram ao longo desse período.

Ao Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais em especial aos professores Paulo Brack, Matheus da Silva, e Vicente Medaglia e a jornalista Sarah Bueno, que disponibilizaram informações para realizações do TCC.

Ao Prof. Dr. Rudimar Baldissera e a professora Mestra Cristine Kaufmann por terem aceitado a participar na minha banca e contribuírem com o aperfeiçoamento deste TCC.

Agradeço aos amigos que fiz durante esta passagem pela UFRGS, principalmente, Lueci Silveira, Daiane P. Janner, Isabel Jones, Bruna Zanardo, Michèle Soares, Matheus Castro, Luciano Bisol, Leonardo da Cruz pela amizade ao longo desse tempo, e aos amigos que deixei na Guiné-Bissau. Agradecer Dr. Laís E. C. Pias.

Agradeço à UFRGS, principalmente aos professores da FABICO por ter me proporcionado uma formação sólida, pelo apoio durante todo esse tempo.

Inegavelmente graças a eles me torno um cidadão preparado para dar a minha parcela de contribuição aonde quer que seja.

RESUMO

Este TCC procura compreender as estratégias de comunicação para a educação ambiental da Organização Não governamental InGÁ Estudos Ambientais. O referencial teórico é construído a partir de autores dos campos da comunicação e da educação ambiental e a metodologia inclui a pesquisa bibliográfica, análise documental, análise do site e blogs, e facebook. As informações foram complementadas através de entrevistas guiadas por um roteiro de perguntas. A pesquisa recupera a história do movimento ambientalista gaúcho. Conclui que o InGÁ desenvolve estratégias de comunicação que são planejadas para atender demandas que vão surgindo cotidianamente. Não há um planejamento da comunicação há longo prazo porque a ONG, além de não ter recursos financeiros e um profissional da comunicação, conta com a participação de um número limitado de associados.

Palavras-chave: Estratégias da comunicação e educação ambiental. Organização Não-Governamental Ingá Estudos Ambientais. Comunicação ambiental.

ABSTRACT

This work seeks to understand the communication strategies for environmental education of the non-governmental organization Inga Environmental Studies. The theoretical framework is based in authors from the fields of communication and environmental education and the methodology includes a literature review, document analysis, and analysis of the site, blog and facebook page. The information was supplemented by a researcher-administered survey. The search retrieves the history of the environmental movement in the state of Rio Grande do Sul. In conclusion, it was observed that Inga plans its communication strategies based on daily demands. There is no long-term communication planning because the NGO has a limited number of members, in addition to lacking financial resources and not having a professional of communication.

Keywords: Strategies of communication and environmental education. Non-Governmental Organization Inga Environmental Studies. Environmental communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Imagem do estudante Carlos Dayrel que subiu em uma árvore em protesto contra o seu corte.....	18
Figura 2 –	Logomarca do instituto Gaúcho de Estudos Ambientais	21
Figura 3 –	Imagem de Pagina Inicial do InGÁ.....	49
Figura 4 –	Pagina Inicial do Ingá no Facebook.....	51
Figura 5 –	Amostra de Feira Agro-Ecológico do InGÁ.....	52
Figura 6 –	Amostra da Feira Agro-Ecológico	53
Figura 7 –	Amostra de Feira Agro-Ecológico	54
Figura 8 –	Amostra Agro-Ecológica com Frutas Alimentícios Não Convencionais	54
Figura 9 –	“Biodiversidade Pela Boca”	55
Figura 10 -	Folder de Divulgação “o que é InGÁ”	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	HISTÓRIA DAS ONGs AMBIENTALISTAS DO BRASIL.....	12
2.1	AS ONGs AMBIENTALISTAS DO BRASIL.....	14
2.2	AS ONGs DO RIO GRANDE DO SUL E O AVANÇO DO MOVIMENTO ECOLÓGICO.....	16
2.2.1	Associação Gaúcha de Proteção do Ambiente Natural (AGAPAN).....	17
2.2.2	Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG) / Núcleo Amigos da Terra/Brasil.....	20
2.2.3	InGÁ - Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais.....	21
3	COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	26
3.1	COMUNICAÇÃO.....	26
3.1.1	Estratégias de comunicação	31
3.2	EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	33
3.3	A COMUNICAÇÃO EDUCATIVA.....	39
3.4	OS PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS AMBIENTALISTAS NO BRASIL.....	43
4	AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DO InGÁ – INSTITUTO GAÚCHO DE ESTUDOS AMBIENTAIS.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERENCIAS.....	62
	APÊNDICE A – Questionário.....	64
	ANEXO A – Documento de consentimento para o uso das informações concedidas através da entrevista.....	65
	ANEXO B – Documento de consentimento para o uso das informações concedidas através de entrevista.....	66

1 INTRODUÇÃO

A vida no nosso Planeta Terra sofre ameaças constantes na medida em que ações individuais ou de grandes corporações ocorrem sem os cuidados éticos necessários com a rede viva na qual estamos imersos. Nesse contexto a comunicação ambiental assume um papel importante pode sensibilizar as comunidades, e informá-las, sobre temas ambientais que elas precisariam conhecer.

Os processos dialógicos têm o potencial de *empoderar* e de construir conhecimento acerca de uma determinada realidade. Vemos corporações interessadas na comunicação ambiental para convencer comunidades a aceitar o inaceitável e também conhecemos organizações que estimulam tais processos para gerar conhecimento e gerar massa crítica.

Aprendi no meu curso que é possível aplicar metodologias de comunicação com potencial libertador e de construção de cidadania. Através de leituras descobri também que os processos dialógicos geram consciência e podem provocar mudanças nos comportamentos das pessoas, que passam a compreender porque determinadas atitudes são melhores que outras para a conservação da natureza da qual fazem parte. Esse aprendizado me despertou para a importância da comunicação ambiental e lembrei-me de algumas passagens da infância que me fizeram entender a importância de cuidar da natureza.

Acredito que a semente pelo interesse em estudar comunicação e educação ambiental, começou a germinar há muitos anos atrás, ainda durante a minha infância. Nasci e cresci na zona rural, no norte da Guiné-Bissau, na cidade de Canchungo. Meu pai é agricultor e adorava, e ainda adora cultivar plantas nativas e também frutíferas à volta de casa. Aos 10 anos de idade comecei a assumir tarefas, uma delas era cuidar das plantações. Todos os dias seguia a mesma rotina: meu pai me acordava de manhã para ir encher várias garrafas de água nas propriedades vizinhas, localizadas a mais de um quilômetro de distância da nossa casa, para regar estas plantações. Essas

tarefas foram realizadas durante toda a infância e adolescência, e elas deviam ser cumpridas com responsabilidade. Boa parte dessa plantação, em particular, aquelas que dão frutas, foi, e é, o meio de sustento da família e para investir na educação dos filhos. A partir daí, eu passei a entender a real importância da preservação da natureza. Mesmo quando eu passei a morar na capital de Bissau¹, continuei com mesma rotina nos finais de semana quando ia para casa. Engajei-me nos trabalhos voluntários, atuando nas causas de defesa do meio ambiente e apreciava sempre o trabalho de alguns ambientalistas no país.

A Guiné-Bissau sofre a cada ano o aumento do desmatamento provocado pelos agricultores para aumentar as áreas a serem cultivadas. Com isso, ocorre o desaparecimento de várias espécies de animais e vegetais, da diminuição da chuva ao longo dos últimos anos. Isso provoca a seca na maior parte das regiões do país. Sem acesso à água potável em algumas cidades, populares percorrem quilômetros e quilômetros a procura de água com bacias e baldes sobre a cabeça. Outra situação problemática é o acúmulo de resíduos nas ruas das cidades e na zona rural. Por exemplo, tanto nas cidades quanto nas zonas rurais, quando alguém acumula lixo na sua casa, e quer se livrar dele, simplesmente o atira junto ao tronco das árvores na beira da estrada e, às vezes, na frente da sua própria casa.

Os animais, que geralmente vivem soltos, como cachorros, porcos e galinhas, em busca de comida, acabam espalhando os resíduos domésticos pelas estradas ou calçadas. Às vezes, esse entulho se torna um lugar onde pessoas urinam, sem pensar nas consequências de tudo para a saúde humana. Essas montanhas de lixo se tornam morada de ratos, baratas, moscas, entre outros insetos e propiciam a migração desses animais para as casas das pessoas, provocando doenças como cólera, que mata centenas das pessoas quase todos os anos. A solução desse problema por parte da população e do governo ainda é muito tímida.

1

¹ Bissau é a capital da Guiné-Bissau, localizada no estuário do Rio Geba, na costa atlântica. É a maior cidade do país, com o maior porto.

Nesse sentido, como futuro comunicador e preocupado com as questões sociais, percebi a importância de estudar a comunicação e a educação ambiental. A ideia inicial era estudar uma ONG da Guiné – Bissau. Como não foi possível, decidi estudar uma ONG gaúcha e depois no futuro fazer estudo semelhante no meu país. O Rio Grande do Sul tem uma tradição no movimento ambientalista, cuja força inspirou outros estados do país. A Lei dos Agrotóxicos foi o resultado da luta ambientalista do Estado. Assim, foi escolhido o Ingá - Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais, localizado na Rua Fernando Machado 464, em Porto Alegre. Não é das mais antigas, mas o trabalho que desenvolve chamou minha atenção.

Assim, o problema desta pesquisa está formulado através da seguinte questão: Quais são as estratégias de comunicação utilizadas pelo INGÁ - Instituto Gaúcho dos Estudos Ambientais - na divulgação das suas ações de educação ambiental? As estratégias de comunicação contribuem para que a ONG promova a educação ambiental de seu público.

O objetivo geral do estudo é compreender como as estratégias de comunicação desenvolvidas pelo o INGÁ contribuem com o processo de educação ambiental de seu público alvo. Como objetivos específicos pretendo : identificar as estratégias de comunicação utilizadas pelo Ingá; verificar os principais temas abordados nas estratégias de comunicação e educação ambiental da ONG; identificar os meios utilizados para o desenvolvimento das estratégias de comunicação.

Para alcançar tais objetivos, o trabalho foi estruturado em cinco capítulos: a Introdução, já apresentada no capítulo 1; no capítulo 2 apresento a História das ONGs ambientalistas do Brasil e do mundo; em seguida está a construção do referencial teórico com o título Comunicação e educação ambiental. As estratégias de comunicação do InGÁ estão no capítulo 4 , e , por último as considerações finais.

No próximo capítulo apresento alguns elementos da historias do movimento ambientalista do Brasil e do mundo para, em seguida, situação o InGÁ Estudos Ambientais nesse contexto.

2 HISTÓRIA DAS ONGs AMBIENTALISTAS DO BRASIL E DO MUNDO

Os primeiros sinais da história do ambientalismo começaram com a campanha empreendida pela *Society for The Protection of Animals* contra os maus-tratos de animais na Inglaterra, em 1824. Já no final do sec. XIX muitas organizações na Europa lutam não apenas em defesa dos animais domésticos, como também da vida selvagem, como é o caso da *East Riding Association for the Protection of the Sea Birds*, fundada na Inglaterra em 1867. Essa associação é também conhecida como uma das primeiras organizações dedicadas à proteção da vida selvagem no mundo. (LEIS, 1999).

Leis (1999) destaca que desde suas origens o ambientalismo foi um movimento global, de características transnacionais. Para Leis era de se esperar que os primeiros passos do ambientalismo, rumo a uma expressão significativa, fossem interrompidos pela eclosão dos nacionalismos que promoveram as duas guerras mundiais na primeira metade do sec. XX. No primeiro congresso conservacionista Norte-Americano (Washington, D. C. Fevereiro de 1909), foi concluído que, a conservação do meio ambiente não é o problema nacional senão internacional. Nessa mesma época, do lado europeu os ambientalistas conseguiram levar até o cenário internacional uma visão mais progressista do que conservacionista.

Segundo Leis (1999) a preocupação com a estética pelo meio ambiente, a partir da sua origem no sec. XX era muito grande e conscientizou pessoas de diferentes formações e pertencentes a todo tipo de instituições, e de diferentes classes sociais. A reconstrução da economia, a reabilitação social do mundo e a questão da fome era uma das prioridades na agenda da FAO.

Nos anos 50 a 60 os cientistas naturais vinham desempenhando um papel muito importante na busca de soluções para problemas ecológicos e dos movimentos ambientais. Entre eles Ehrlich e Commoner que apresentam visões antagônicas:

Ehrlich, que desde fins dos anos 50 vinha defendendo ideias neomalthusianas em espaços acadêmicos, recebeu a encomenda de uma organização ambientalista (Sierra Club) para escrever um livro de divulgação científica sobre o crescimento populacional e os problemas ambientais. A divulgação foi tão bem sucedida que em poucos anos venderam-se mais de três milhões de exemplares do seu livro. *The population bomb*. [...] Ehrlich chega a ser também muito popular ao introduzir o alarmismo no debate ambiental do sec. XX. Em seu livro publicado em 1968, ele afirmava que centenas de milhões de pessoas

enfrentariam a fome nos anos 70 e 80, se não se controlasse o crescimento da população humana. A maioria dos problemas ambientais eram resultantes dos esforços, cada vez mais desesperados, por alimentar uma população cada vez maior. (LEIS, 1999, p. 80).

Nesse caso Leis (1999) defende que o controle da população se aplica especialmente a um país como Estados Unidos, considerado maior consumidor de recursos renováveis e poluidor do meio ambiente per capita. Não podendo produzir alimento para uma população indefinida. Enquanto Commoner apresentou uma visão ao contrário preocupado desde o início dos anos 50 com os efeitos da radiação nuclear produzidos pelos testes com bombas, afirma que:

O principal causa da degradação do meio ambiente se devia ao impacto destrutivo da tecnologia. Em 1971 publicou *The closing circle*, onde afirmou que, embora os índices do crescimento populacional e do consumo tivessem incrementado fortemente após a Segunda Guerra Mundial, esses aumentos eram notavelmente pequenos quando comparados com os aumentos dos índices de poluição para o mesmo período. A sua conclusão apontava para na direção das novas tecnologias introduzidas após 1946. [...], portanto o problema não estava, no crescimento populacional nem no desenvolvimento econômico, senão na forma em que este desenvolvimento era alcançada (LEIS, 1999, p. 81).

Leis (1999, p. 117) afirma que: “O ambientalismo não existiria sem a presença de problemas ambientais, mas não por isso deve-se concluir que ele se assemelha ao padrão geral de comportamento de maioria dos movimentos sociais que lhe são contemporâneos”.

Nessa perspectiva muitos economistas, ecólogos e ambientalistas, em geral percebem que o mau gerenciamento dos recursos naturais, junto ao crescimento populacional, era principal fator de obstáculos para a solução da crise de alimentos. Apesar de tudo, muitas políticas que os governos orientam através das agências e programas das Nações Unidas não se preocupam tanto com o meio ambiente como com o desenvolvimento econômico, e isso pode ser confirmado com o fracasso da FAO em incluir realmente as questões ecológicas em seus planos para agricultura dos países pobres (LEIS, 1999).

A primeira ONG ambientalista de espectro verdadeiramente mundial foi criada em 1961. A partir das dificuldades financeiras e da falta de interesse público que encontrou a instituição ambientalista científica IUCN, e seu primeiro anos, surgiu a idéia entre alguns dos seus aderentes de criar uma rede mundial de apoio ao meio ambiente. Ainda Leis (1999) considera que o ambientalismo mostraria um amadurecimento e uma capacidade para articular os fatores emocionais com argumentos racionais e o pensamento com ação, em um grau que outras expressões da sociedade civil nunca chegaram de alcançar. O ambientalismo não só colocaria apenas uns novos problemas num velho cenário político, mas também uma visão e sensibilidade originais e novos atores que redefiniriam os restantes problemas da agenda. (LEIS, 1999).

2.1 AS ONGs AMBIENTALISTAS DO BRASIL

A abundância dos recursos naturais do Brasil vem desde os primórdios do período colonial. Portugal já se percebia a grande quantidade da riqueza que o Brasil possuía. Na carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal, no ano 1500, ele relatou a exuberância do território brasileiro, ou seja, a beleza natural do seu território. Os portugueses estabeleceram algumas regras para o corte de árvores e punir desperdícios, sendo que uma primeira ação simbólica dos mesmos foi à derrubada de uma árvore para erguer a cruz da primeira missa em Porto Seguro. (BONES; HASSE, 2007).

Segundo Bones e Hasse (2007, p. 19): “A abundância dos recursos naturais do Brasil, talvez, levou os portugueses a explorar o território colonial sem controle e reposição florestal”.

Conforme Bones e Hasse (2007), os primeiros sinais de atenção à natureza aparecem em 1808, quando o rei D. João VI criou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. José Bonifácio de Andrade e Silva, tutor de D. Pedro I e considerado o patriarca da independência do Brasil tinha cursado História Natural em Portugal, e se mostrava sua preocupação com a preservação da fauna e flora. O mesmo condenava as queimadas das florestas e atuava no

combate à crueldade da caça das baleias pelos pescadores. Incomodava-o saber que, para ter as baleias-mães à sua mercê, os pescadores simplesmente matavam os seus filhotes. Elas não saíam do lugar e eram massacradas com espadas e arpões.

Um dos primeiros conservacionistas atuantes nos debates ambientais foi Alberto Torres, nos anos 30. Ele defendia a preservação das riquezas naturais e a recuperação das que já estavam sendo exploradas. Bones, e Hasse (2007) destacam-se que, até os anos 50 não havia no Brasil uma preocupação com os aspectos ambientais. A preocupação era voltada para o saneamento, conservação e a preservação do patrimônio natural, histórico, artístico e a solução dos problemas provocados por secas e enchentes.

Em setembro de 1973, aconteceu o protesto do pintor espanhol Emilio Miguel Abellá, que percorreu as ruas do centro de São Paulo usando uma máscara:

O artista plástico Miguel Abellá cansou-se de ver o povo paulistano sofrer com a poluição e manter-se conivente diante dos abusos que a tecnologia lhe impõe. Comprou uma máscara contra gases tóxicos na Rua Florêncio de Abreu, 'por apenas 16 cruzeiros', pintou dois cartazes com slogans contra a poluição e começou a percorrer as ruas da cidade. Na sua opinião, o protesto que está fazendo não tem nada de pessoal. O que eu quero é despertar o meu povo contra esse abuso que está sendo feito contra ele. Sou contra a poluição e os abusos tecnológicos.

Com 54 anos de idade, magro, cabelos brancos, Miguel passou na tarde de ontem pela Rua Sete de Abril. Na sua mão, um cartaz feito de cartolina branca e pintado com pincel atômico. Nas costas, amarrado com barbante, carregava um cartaz, de Eucatex, com os seguintes dizeres: Eis aqui o meu protesto pacifista e solitário contra a covarde agressão ambiental. (URBAN, 2001, p. 46).

O manifesto desse ativista incluiu um novo foco na luta ecológica ao chamar a atenção para a poluição na cidade de São Paulo que tornava o ar irrespirável gerando problemas respiratórios e alergias nas pessoas

2.2 AS ONGs DO RIO GRANDE DO SUL E O AVANÇO DO MOVIMENTO ECOLÓGICO

O movimento ambientalista gaúcho deu seus primeiros passos na década de 40, quando ainda era fraca a consciência ecológica no Brasil. Na época o padre jesuíta Balduino Rambo, naturalista experiente, percorreu o Rio Grande do Sul e descreveu os diferentes ambientes do estado nas 450 páginas de “A Fisionomia do Rio Grande do Sul”, denunciando a derrubada das florestas. (BONES; HASSE, 2007).

Henrique Luís Roessler foi outro pioneiro do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul. Este se destacou fazendo constantes denúncias sobre a poluição em toda região do Vale do Rio dos Sinos. Sua atuação era apaixonante, indo além de suas atribuições legais. Ele foi delegado florestal pelo Ministério da Agricultura, acumulando dois cargos, sendo um de fiscalizar atividades potencialmente nocivas ao equilíbrio alimentar (queimadas, caçadas e pescarias predatórias).

Em 1955, Roessler fundou a União Protetora da Natureza, a primeira entidade ambientalista do Rio Grande do Sul, sediada em sua casa, localizada na Cidade de São Leopoldo. O funcionamento da entidade dependia totalmente do seu fundador Roessler. Suas ações também foram reconhecidas em âmbito internacional (BONES; HASSE, 2007).

Roessler, em 1957, passou a escrever crônicas semanais no Correio Rural, que era um suplemento do Correio do Povo, jornal de grande destaque na época no Estado. Foi a partir do seu trabalho no “Correio do Povo” que se tornou conhecido, ao ponto de se tornar referência para ambientalistas. A inspiração em seu trabalho resultou na fundação da AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção do Ambiente Natural) em abril de 1971. No início sua atuação foi brilhante, pois ajudou o Rio Grande do Sul e o Brasil e até influenciou ambientalistas em outros países. Depois desse começo trabalhoso e das atividades de todos os movimentos ambientalistas, a sociedade brasileira se reorganizou um pouco no ponto de vista ambiental (BONES; HASSE, 2007).

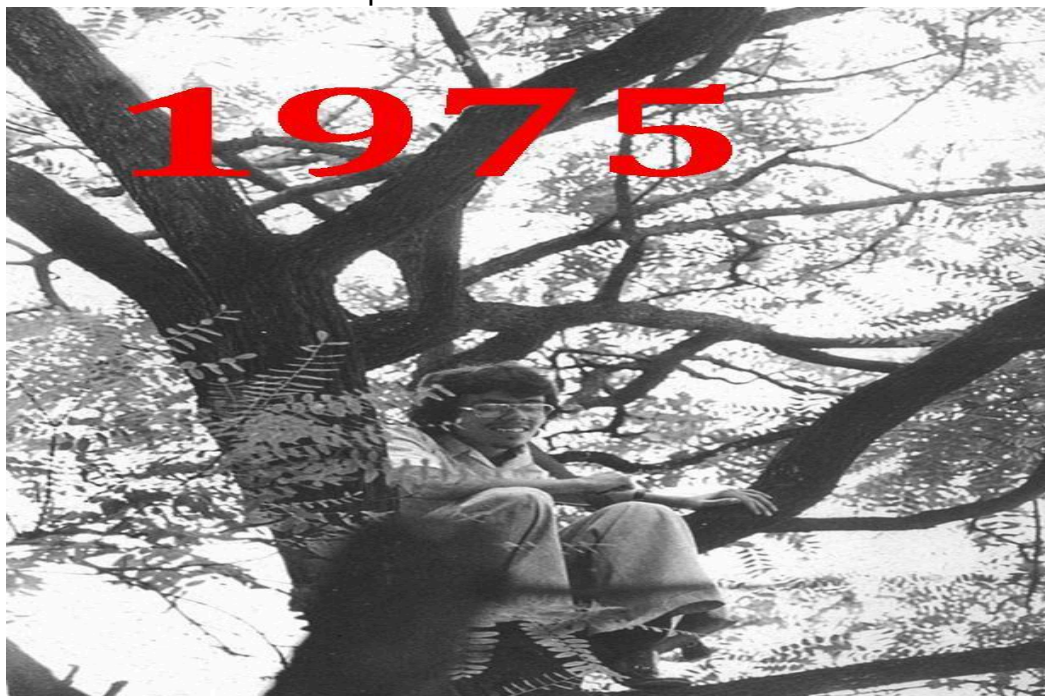
2.2.1 Associação Gaúcha de Proteção do Ambiente Natural (AGAPAN)

Vale destacar o papel de Nicolau A. Campos, considerado um dos seguidores de Roessler, na fundação da AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural). Desde 1971, a AGAPAN tem se destacado na luta pela defesa do meio ambiente. Com a participação de José Lutzenberger² e sua capacidade em realizar conferências, a AGAPAN foi projetada nacional e internacionalmente. A entidade atuou de forma eficiente e útil ao movimento ecológico. Se distinguiu não só por ter um “guru”, mas também por possuir desde o início uma invejável organização, com cadastro de todos os sócios, cobrança regular e pagamento em dia. (BONES; HASSE, 2007).

Um dos pontos mais altos do movimento foi o caso em que o estudante Carlos Daryrell, que em forma de protesto contra derrubada de árvores do Parque da Redenção, entre Avenida João Pessoa e a Rua Sarmento Leite subiu em cima de uma árvore para impedir que esta fosse derrubada.

² José Antônio Kroeff Lutzenberger (1926-2002) foi um agrônomo, escritor, filósofo, paisagista, ecologista e ambientalista brasileiro que participou ativamente na luta pela preservação ambiental.

Figura 1 – Imagem do estudante Carlos Dayrell, que subiu em uma árvore em protesto contra seu corte



A história se repete

Fonte: Bones e Hasse (2007).

Apesar de ser intimidado pelos operários que estavam com motosserras, isso não levou o estudante a ter medo. O episódio chamou atenção de muitas pessoas, inclusive, deu mais força aos membros da AGAPAN que se uniu aos estudantes que protestavam contra o corte das árvores. O protesto terminou em pancadaria com a prisão de estudantes e jornalistas. Outro fator fundamental para ascensão da AGAPAN foi quando José Lutzenberger lançou de surpresa a campanha contra os agrotóxicos. Outro caso interessante que ocorreu no norte da África, quando um navio que carregava agrotóxicos afundou e Lutzenberger discutiu com o comandante da embarcação, devido o abandono da carga. Como o seguro já havia sido pago, eles abandonaram dentro do navio afundado uma quantidade imensa de agrotóxicos, que poderia ou deveria ser retirada pelos mergulhadores. (BONES; HASSE, 2007).

Sete meses após a fundação da AGAPAN, chegou ao Brasil o prêmio Nobel da Paz, Norman Borlaug, considerado o pai da Revolução Verde e amplamente apoiado pela ditadura militar. Essa revolução consistiu na invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção agrícola em países menos desenvolvidos durante as décadas de 60 e 70. Foi um amplo programa idealizado para aumentar a produção agrícola no mundo por meio do melhoramento genético de sementes, uso intensivo de insumos industriais, entre eles os agrotóxicos, mecanização e redução do custo de manejo. Com o tempo a nova tecnologia produziu graves danos aos ecossistemas incluindo aí os danos à saúde dos seres vivos. (BONES; HASSE, 2007).

Como afirma Bones e Hasse (2007, p. 36):

O movimento ambientalista gaúcho obteve grandes vitórias, como a chamada Lei dos Agrotóxicos e o Receituário Agrônomo, que serviram como motivadores de debates e medidas de alcance nacional. Na década de 80, com a democratização e a absorção das demandas ambientais pelo governo, o movimento sofreu um refluxo. Enquanto a AGAPAN com sua atuação de amplo espectro, surgiram várias Organizações Não-Governamentais que passaram a realizar campanhas específicas. Além disso, na virada da década, as reivindicações fundamentais dos pioneiros do ambientalismo haviam sido incorporadas por partidos, sindicatos, mídia e órgãos públicos.

A AGAPAN também esteve engajada em outras campanhas, com destaque para as criadas por inspiração, ação ou reação de Lutzenberger. Inclusive, quando foi anunciada a construção da Rodovia Transamazônica, em 1972, a AGAPAN reagiu instintivamente, pois era sua função, assim como marcar uma posição, dar satisfações aos seus associados, além de dar às suas ações visibilidade na mídia.

Um consenso entre os ambientalistas gaúchos é que o sucesso da AGAPAN foi resultado de uma atuação combativa de José Lutzenberger, que reunia três principais elementos fundamentais: Um forte amor pela natureza, um grande conhecimento técnico e uma retórica fora do comum. (BONES; HASSE, 2007).

2.2.2 Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG) / Núcleo Amigos da Terra/ Brasil

Uma das ONGs com forte ligação com José Lutzenberger foi a Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG), fundada em 13 de março de 1964, tendo por objetivo principal a promoção da cidadania através de programas educativos e projetos sociais, inicialmente dirigidos por mulheres. A ADFG foi também uma das ONGs mais atuantes do Rio Grande do Sul e do país. Em 1983, torna-se o único membro brasileiro da Federação Internacional *Friends of the Earth* (www.foei.org), que hoje reúne grupos de ativistas em mais de 70 países. Disponível em: <<http://www.natbrasil.org.br/historico.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2013:

Em 1972, fora da AGAPAN, com influência de Lutzenberger, um grupo de mulheres, lideradas por Magda Rênner, resolveu participar da luta ecológica, resultando numa das maiores entidades ecológicas do Brasil: a ADFG – Ação Democrática Feminina Gaúcha -, atualmente filiada a AMIGOS DA TERRA, sediada em Porto Alegre. (CARNEIRO, 2003, p. 18).

A Ação Feminina Gaúcha passou a se preocupar com as questões ecológicas, a partir do momento em que Magda Renner convidou amigas e algumas sócias da ADFG para assistir a palestras de José Lutzenberger. O fato de ser um movimento formado por mulheres para mulheres da elite gaúcha dava maior mobilidade as suas ações. Anos depois da sua fundação a ADFG esteve nas ruas junto com a AGAPAN, em defesa das ilhas do Rio Guaíba. Magda Renner com a colaboração do marido e dos filhos usava megafone enquanto distribuía panfletos. (CARNEIRO, 2003).

Em 1975, a ADFG inspirou-se numa grande convenção ambiental realizada em Brasília, a partir daí, a entidade realizou o primeiro Encontro Comunitário Nacional pela Proteção da Natureza, onde reuniu pessoas de diferentes regiões do Brasil. Nessa reunião, a entidade apresentou um projeto para seleção do lixo doméstico, antes de qualquer iniciativa governamental, um amplo trabalho de educação ambiental organizado por rua, com a participação dos seus moradores. Um dos objetivos desta entidade era abrir um espaço político para que os ecologistas fossem ouvidos.

A vinculação de Magda Renner com o movimento ambientalista internacional teve o seu início após a sua visita aos Estados Unidos, a convite do Consulado Americano no Rio Grande do Sul. A partir daí que a entidade começou a abrir a possibilidade de associados masculinos. (CARNEIRO, 2003). Com a atualização de seu estatuto em 1998, a entidade, adotou o nome Núcleo Amigos da Terra (NAT)/Brasil e pelos projetos que desenvolve é uma das referências do movimento ambientalista brasileiro.

2.2.3 InGÁ – Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais

Figura 2 – Logomarca do Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais



Fonte: InGÁ (2009).

O InGá é uma associação civil sem fins lucrativos de caráter ambientalista, científico cultural e educativo de direito privado, criada no dia 07 de abril de 1999. Sua sede é em Porto Alegre na Rua Fernando Machado, número 464, Centro.

A história do InGÁ surgiu com base nas idéias dos membros do projeto “Programa Macaco Urbano”, que se reuniram no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para desenvolverem a pesquisa com populações de bugios (*Alouatta*), em áreas naturais de Porto Alegre. A grande maioria deles eram biólogos, professores, alunos, pesquisadores,

profissionais ambientalistas ingressos da UFRGS, sob a coordenação da professora Helena Romanoski.

O nome do InGÁ está diretamente relacionada à planta Ingá, ou Ingazeiro, que é, um gênero de árvore nativa da América do Sul, em particular no Brasil. Ela possui uma espécie (*inga vera*), que vive principalmente nas matas ciliares de rios riachos e córregos. É também uma planta pioneira na revitalização de ambientes degradados, pois fixa nitrogênio no solo, promovendo um ambiente favorável para as demais plantas se estabelecerem. Produz flores e frutos, muito apreciados pela fauna e flora. Como o InGÁ trabalha para a conservação e a utilização sustentável da biodiversidade, além de se dedicar à política (apartidária), é envolvido em uma rede de coletivos, movimentos e instituições de mesma ideologia. Destacou-se por ser uma voz independente e crítica à sociedade do consumo. Desenvolve preposições e alternativas no caminho da sustentabilidade socioambiental e na articulação da juventude. A grande maioria do seu trabalho é voluntária, justamente por considerar que as organizações ambientalistas não devem ter conflitos de interesses com setores econômicos. É com base nesses fatores que o InGÁ não aceita recursos financeiros de empresas considerados degradadores do meio ambiente, muito menos recursos financeiros de partidos políticos ou mandatos públicos. Vale destacar que é uma ONG sem fim lucrativo que trabalha em prol do bem comum, tanto da sociedade como dos vegetais e dos animais.

Desde 2007 o grupo InGÁ tem buscado produzir um processo de planejamento estratégico, identificando e priorizando projetos, decidindo procedimentos, papéis e funções. Tem sido sempre levado em conta uma dimensão de avaliação das ações e estratégias, considerando a força do trabalho disponível (boa parte desse trabalho voluntário), as tarefas decididas e os compromissos assumidos.

No seu planejamento estratégico o InGÁ definiu sua visão como: Trabalho pela transformação social, promovendo a justiça socioambiental e modos de vida saudáveis, em harmonia com a natureza. Sua missão é: trabalhar com a pesquisa, e educação e comunicação como processos contínuos, críticos

e transformadoras; acompanhamento e preposições de políticas públicas responsáveis; fiscalização do cumprimento de legislação da licença ambiental; realização de projetos e ações socioambientais. Como valores o InGÁ defende: valorizar a harmonia com a natureza, compreendendo, a vida, a biodiversidade, a saúde, o amor, a alegria, a sustentabilidade socioambiental, a simplicidade, no modo de vida, o sentimento, de pertencimento.

O respeito, a honestidade, a sinceridade, a transparência, a responsabilidade, a coragem, a humildade, a coerência entre o discurso e prática, a justiça norteiam a sua conduta ética. Quanto á sua organização, adota: o trabalho em grupo e o trabalho em rede, a horizontalidade na tomada de decisão, a profundidade, a “criticidade”, o consenso.

O InGÁ se articula com outros grupos tanto do movimento ambientalista quanto de outros movimentos sociais, buscando a construção de uma visão socioambientalista. Entre os coletivos estão a Assembléia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do RS (APEDEMA) e a Festa da Biodiversidade.

Os recursos financeiros para manutenção da sede e das atividades provem de contribuição de seus associados, colaboradores e, principalmente, da aprovação e execução dos projetos financiados por fundos públicos e privados. Seus principais apoiadores nesse momento são o Centro de Apoio Sócio-Ambiental (CASA), o Global Greengrants Fund (GGF) e o Fundo Pró-ambiental da Prefeitura de Porto Alegre.

Atua na manutenção de áreas livres de barramento na Bacia do Rio Uruguai, que está sendo transformada em uma sucessão de lagos de usinas hidrelétricas. O seu foco principal é usina Pai-Querê, que ameaça uma das áreas de maior diversidade da região sul no Rio Pelotas, divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. Desde 2001 a ONG trabalha contra o impacto gerado pelos empreendimentos hidrelétricos. Em 2005 cria o grupo de trabalho Hidrelétricas e já no ano seguinte desenvolveu-se um projeto, que consiste na Elaboração da Avaliação Ambiental Integrada dos Aproveitamentos Hidrelétricos da Bacia do Rio Uruguai. Com o propósito de contribuir com o debate e

continuar a atuar nas questões do impacto e de expandir o trabalho para as possibilidades de geração de energia elétrica sustentáveis aos ecossistemas, o InGÁ conseguiu organizar em 2001, 2005 e 2008 o primeiro, segundo e terceiro fórum de impacto das Hidrelétricas.

Ainda ao longo desses anos foram executados dois projetos de recuperação ecológica na Reserva Biológica do Lami sob a denominação Laboratório de Recuperação Ambiental (LARA). Nesse projeto realizou-se a construção do viveiro da reserva e plantio corredores de ligação à “Ponta do Cego”. A ONG tem editado e distribuído a Cartilha de Plantas Alimentícias Não Convencionais, principalmente na Feira Agricultores Ecologistas de Porto Alegre, que ocorre na Rua José Bonifácio, todos os sábados pela manhã, oportunidade em que divulga as suas atividades e a temática das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs). Ministra também o curso de Plantas Medicinais Alimentícias, tendo como objetivo se aproximar e mobilizar os cidadãos porto-alegrenses sobre as expressivas áreas naturais e rurais da cidade.

Também trabalha em parceria com o departamento de Horticultura e Sivilcultura da Faculdade de Agronomia da UFRGS. Através do trabalho voluntário o InGÁ se caracteriza por ser uma organização ambientalista com maior participação jovem na cidade. Isto talvez se deva ao trabalho de educação ambiental’ que a entidade vem realizando desde 2007, nas escolas como também em diferentes lugares públicos.

É através de advogados voluntários, que entidade consegue efetuar diversas ações judiciais contra ações e empreendimentos degradadores e poluidores, incluindo barragens, loteamentos, agrotóxicos, entre outros.

A chamada “Conservação em foco” é um canal de comunicação de Ingazeiros e outros militantes socioambientais, que foi criado com a finalidade de debater assuntos ambientais. O evento ocorre no Casarão onde fica sua sede. Durante o evento cada cidadão sente-se a vontade de expor a sua experiência ou a sua preocupação no que diz respeito a problema ambiental da cidade ou do estado.

A seguir, apresento a reflexão sobre comunicação e educação ambiental.

3 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Quando se fala da educação ambiental é preciso procurar vincular os seres humanos à natureza, e a natureza aos seres humanos. Nessa perspectiva que a comunicação desempenha um papel importante para sensibilizar as pessoas e estabelecer um vínculo entre informação e ação. Está presente na relação educador educando e até nos processos mais amplos envolvendo os meios de comunicação de massa.

3.1 COMUNICAÇÃO

A palavra comunicação deriva do latim *communis*, com a ideia de tornar comum. A partir disso, tem-se um núcleo de idéias que vão se associando para formação de um conceito. Segundo Duarte, comunicação significa “[...] comungar, tornar comum, estar em relação e ação [...]”. (DUARTE, 2003, p. 43 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2007, p. 47).

A comunicação está ligada e é inerente à condição humana, pois não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar ideias, tanto individualmente ou coletivamente. A comunicação está ligada à negociação, ao convívio e, principalmente, ao compartilhamento. Segundo Wolton (2011 p. 17):

A comunicação acontece por vários motivos, mas é possível distinguir três razões principais, freqüentemente misturadas e hierarquizadas conforme as circunstâncias, que nos estimulam a querer entrar em contato com alguém. Primeiramente compartilhar. Cada um tenta se comunicar para compartilhar, trocar. É uma necessidade humana fundamental e incontornável. Viver é se comunicar e realizar trocas com os outros do modo mais freqüente e autêntico possível. E a sedução, que é inerente a todas as condições humanas e sociais. Enfim, a convicção, ligada a todas as lógicas de argumentação utilizadas para explicar e responder a objeções.

Vale destacar que a informação é tratada a partir da definição clássica que remete à unidade e à mensagem. Já a comunicação, em contrapartida, remete à idéia de relação, de compartilhamento, de negociação. A informação é

considerada a grande vitória do século XX, com três grandes dimensões: a imprensa, ligada à política, à economia e conhecimento ligado às indústrias do conhecimento. É importante ressaltar também a informação relacional, centro da comunicação humana, que abrange todos os meios sociais e organiza nossa vida cotidiana. (WOLTON, 2011).

As novas tecnologias nos trouxeram uma mudança significativa, e a facilidade de acesso à informação. Antes, quem tinha dinheiro tinha poder, mas hoje, quem tem informação tem poder, e essa informação faz com que se consiga mudar certo ambiente, fazer as pessoas reagirem contra os problemas que lhes afeta. Mas de nada vale uma informação, se as pessoas não souberem utilizá-la e fazer com que tenha utilidade.

A comunicação também possui uma ligação com a liberdade humana, bem como os modelos democráticos e progressos tecnológicos. Para Wolton (2011) a comunicação remete a uma idéia de vínculo e de comunhão, além do mais, está voltada para o conviver, bem como para o administrar discontinuidades.

Sendo a comunicação um campo muito amplo que absorve muitos caminhos empíricos, metodológicos e conceituais, podemos encontrar a sua definição teórica em vários autores. Oliveira e Paula (2008), trata a comunicação como um campo onde são constituídos sentidos e onde se dá a configuração das atividades e das organizações sociais, como um dos lugares de construção da realidade.

Já para Braga (2004, p.226-227 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2008, p. 33) o campo da comunicação é “efetivamente um âmbito de interfaces”, onde diferentes conhecimentos se entrecruzam e pontos de vista divergentes e convergentes chegam à elaboração de um conhecimento específico. Comunicação:

Quanto à interface – parece ser um termo adequado para referir a presença de atividades, no espaço social, que envolvem origens, processos e objetivos não inicialmente confluentes (mas antes pertencentes a áreas diferenciadas). Assim, cada componente de atividade comparece com o seu acervo (historicamente constituído) de práticas e do conhecimento. O autor enfatizou que à “interface”-

parece ser um termo adequado para referir à presença de atividades, no espaço social, que envolvem origens, processos e objetivos não inicialmente confluentes (mas antes pertencentes a áreas diferenciadas). Assim, cada componente da atividade comparece com o seu acervo historicamente constituído de práticas do conhecimento.

A comunicação ajuda a compreender melhor as pessoas, além de ajudá-las a vencerem o medo e tomarem a decisão certa. Comunicar-se com as pessoas exige muito cuidado para evitar que a construção de juízos, crenças e modelos mentais sobre o que está em causa, torne-se fator impeditivo de efetivamente compreender receber aquilo que está sendo disponibilizado.

Conforme Freire (1977, p. 66) não há, efetivamente, pensamento isolado, na medida em que não há um homem isolado. Esse autor admite que, “Todo o ato de pensar exige um sujeito que pensa um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos.” Para ele, o mundo humano é feito para se comunicar. Nesse caso o homem atua, pensa e fala sobre essa realidade, que é a mediação entre ele e outros homens. Para Freire (1977) o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto, não há um “penso”, mas um “pensamos”. É nessa ótica que ele afirma que comunicar é comunicar-se em torno do significado e significante e nela não há sujeitos passivos. Para que aconteça uma comunicação efetiva é preciso que haja o acordo efetivo entre os sujeitos reciprocamente comunicantes.

Já Baldisseira (2001) entende o de processo de comunicação como um processo de disputa de sentidos. Para ele a questão da disputa de sentidos pode ser pensada sob a perspectiva de que os interlocutores, nas práticas comunicacionais, sempre estabelecem “relações de forças” suportadas em informações e saberes que possibilitam a utilização de estratégias de comunicação. Tais estratégias têm como objetivo direcionar a individualização dos sentidos e constroem e dispõem efeitos de sentido na cadeia de comunicação.

A comunicação é um elemento chave na elaboração de estratégias que possibilitam melhorar a imagem de uma empresa e conquistar novos parceiros. Ela estabelece vínculos com todos os públicos da organização seja organização pública ou privada. Duarte (2003, p.47 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2008, p. 37) reforça essa idéia de que:

O sentimento de partilha é o que define a comunicação, é construir com outro, um entendimento comum sobre algo. É o fenômeno perceptivo no qual duas consciências partilham na fronteira. O entendimento comum não quer dizer concordância total com os enunciados envolvidos na troca. O entendimento pode ser a conclusão das consciências que discordam dos enunciados uma da outra. A linguagem desponta então como o objetivo cultural de percepção do outro. A linguagem torna-se o plano no qual a zona de encontro pode ser desenhada mediante o diálogo.

O fenômeno da comunicação está presente e interfere na vida das pessoas na sociedade em varias áreas do conhecimento e passa por grandes transformações, do ponto de vista estrutural e metodológico a partir da revisão do modelo informacional. O autor considera que a comunicação ultrapassa a mera função informativa, o que permite otimizar pontos de congruência entre o emissor e o receptor. (OLIVEIRA; PAULA, 2008).

A comunicação exerce um papel balizador tanto no ambiente interno como externo. Permite sinalizar cenários e considerar a perspectiva dos atores sociais nas decisões, indagando-se sobre o sentido daí decorrente para eles.

Conforme o mesmo autor, a comunicação é um fator chave porque através dela podemos motivar, criar um vínculo com as pessoas, fazer com que essas pessoas se sintam reconhecidas e valorizadas dentro de uma organização.

O espaço comum é um espaço de discussão de ideias, projetos e interesses por meio da explicitação de divergências, opiniões e argumentos. Conforme Duarte (2003, p.47 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2008, p.37):

O sentido de partilhar é o que define a comunicação (...) construir com o outro entendimento comum sobre algo. É o fenômeno perceptivo na qual duas consciências partilham na fronteira. O entendimento comum não quer dizer concordância total com os enunciados envolvidos na troca. O entendimento pode ser a conclusão das consciências que

discordam dos enunciados uma da outra. A linguagem desponta, então, como o objetivo cultural de percepção do outro. A linguagem torna-se o plano no qual a zona de encontro pode ser desempenhada mediante o diálogo.

Conforme Kunsch (2009) as possibilidades de interação simbólica estão ligadas, também, ao desenvolvimento de tecnologias de comunicação. Na obra *Estratégias de Comunicação*, Rodrigues (1990) relaciona os processos de comunicação com as formas de sociabilidade e propõe três modos comunicacionais: o modelo informal da comunicação tradicional; o modelo da comunicação moderna; e o modelo reticular da comunicação informatizada. Segundo Kunsch (2009):

- a) O modelo da comunicação tradicional está associada a oralidade e corresponde a práticas enraizadas em rituais;
- b) O modelo da comunicação moderna resulta da autonomia conquistada pelo campo da comunicação e do papel de articulador que granjeou entre os demais campos da estrutura social, articulação e legitimação dos saberes. A autora considera esses três modos como estratégia comunicacionais de apelo a opinião pública, da objetividade de informação, da transparência dos discursos e da reivindicação de direito ao livre acesso à mídia, enquanto estratégia de legitimação e de naturalização do poder instituído;
- c) O modo de comunicar reticular introduziu uma nova lógica nos processos de comunicação, acelerando o fluxo permitindo a interatividade à distância.

A comunicação parte de um processo muito complexo, por meio de uma linguagem que pressupõe uma inteiração humana possibilitando modificar, transformar as opiniões das pessoas, como também pode fazer surgir um conflito. Para que aconteça uma comunicação é preciso que haja compreensão entre as pessoas envolvidas.

Nessa perspectiva, Oliveira (2005, p. 43) destaca a importância de:

Participar do alinhamento estratégico da empresa, tornar conhecidas as mudanças decorrentes, das exigências contemporâneas e trabalhar o entendimento dos atores internos sobre essas mudanças e o seu impacto na cultura organizacional. O profissional da comunicação tem a função de mostrar onde a empresa está, e aonde pretende chegar, e como alcançar seus objetivos e o papel dos atores internos nesse processo.

Em qualquer organização a comunicação é apontada como um fator imprescindível para a troca de informações e soluções de problemas. Conforme a reflexão de Kunsch (2009) as organizações contemporâneas precisam fazer mais do que utilizar as estratégias de comunicação mediadas pelo computador. Necessitam, sobretudo, assimilarem esses novos patamares espaço temporais nas suas atividades cotidianas. Afirma ainda, que é preciso utilizar especialmente duas propriedades estruturais da comunicação digital: a potencialização da interatividade com os públicos e a convergência de ações possíveis em um mesmo dispositivo de comunicação.

De acordo com essa autora para muitos funcionários, o e-mail se tornou um dos maiores consumidores de recursos na organização. Essa constatação, presente em muitas empresas, é confirmada por pesquisas do *Boston Consulting Group* e corroborada por enquetes feitas no Brasil. Ao menos potencialmente, trata-se de percepção que pode se tornar cada vez mais recorrentes devido à intensificação e ampliação do uso do correio eletrônico e de meios similares como *chats* e *MSN*. (KUNSCH, 2009).

Kunsch (2009) destaca que é preciso considerar a comunicação mediada por computador e as suas propriedades, tanto na utilização quanto na formulação de novos modelos, de forma a contemplar a convergência das ações proporcionadas pelo suporte reticular e a interatividade que ele proporciona.

3.1.2 Estratégias de comunicação

As estratégias de comunicação adotadas pelas organizações tem por base a necessidade de se relacionarem de forma intencional e estruturada com a sociedade. Nessa perspectiva Veiga (2004, apud, OLIVEIRA; PAULA, 2008,

p.26), mostra que a comunicação é fundamental no estabelecimento e manutenção do vínculo social, ainda defende que a sociedade só existe nos e pelos atos comunicacionais, o que reforça a importância dos espaços de interlocução.

Para Braga (2001, p.17-18 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2008, p.34) a comunicação organizacional pode ser pensada como zona de interface tanto entre conhecimento científicos de diferentes campos como psicologia, sociologia, economia e também como espaço para se efetuarem as trocas simbólicas e praticas entre atores sociais que trazem consigo as suas demandas, expectativas e interesses. O autor enfatiza o componente dialógico e relacional das interações comunicativas que a organização e atores sociais estabelecem entre si na busca de entendimento.

Uma maneira (intuitiva e não definitiva) de referir-se a interação comunicacional é considerar que se trata aí dos processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre seres humanos, viabilizam diversas ações e objetivos em que se vêem engajados (por exemplo, de área política educacional, econômica, criativa ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita co-participação Braga (2001, p.17-18 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2007, p. 34).

Rüdiger (2011) contribui com a reflexão afirmando que a necessidade de trabalhar em conjunto determina o estabelecimento de certas relações não apenas entre homens e a natureza, mas sobre tudo entre os próprios indivíduos. Para ele as relações humanas não surgem para satisfazer necessidades gregárias abstratas, mas por necessidades de cooperação objetivas, apesar de que não é produto de uma vontade de comunicação, mas sim, efeito comunicativamente mediado do desenvolvimento de uma cooperação nos processos de trabalho.

O autor afirma que:

Os processos de mediação simbólica da realidade precisam ser vistos como elementos que possibilitam a cooperação, mas ao mesmo tempo, são condicionados pelo modo de produção imperante na sociedade. O desenvolvimento da divisão social do trabalho estabelece um determinado sistema de produção dos meios materiais necessários a manutenção da vida social e, esse determina a comunicação. Significa que o progresso de relações de trabalho entre os homens estimula exercício da sua competência comunicativa e, essa, por sua vez,

enseja a coordenação e o avanço do modo de produção. A comunicação, todavia, não se restringe ao contexto do trabalho; caracterizando-se por ser um componente necessário a todas as formas de cooperação real social entre os homens. O desenvolvimento de modo de produção é responsável por uma complicação de relações sociais que permitem às práticas comunicativas paulatinamente se desvincularem dos contextos do trabalho. (RÜDIGER, 2011, p. 81-82)

Conforme Rüdiger (2011) a comunicação, não sendo senão o processo generalizado de mediação da práxis e socialização da consciência consiste, em síntese, na mediação prática da linguagem. As pessoas se entendem porque compartilham a mesma linguagem, mas o sentido comum de que ela é portadora deve ser visto como um produto mediado pela práxis da espécie. Para ele a comunicação é mediada pelas formas simbólicas, mas essas precisam ser compreendidas em meio a prática para permitir a cooperação entre os homens.

Braga (2001, p.17-18 apud OLIVEIRA; PAULA, 2008, p.34), por sua vez, afirma que uma maneira de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata aí dos processos simbólicos e práticos de organização de trocas entre seres humanos, para viabilizar as diversas ações e objetivos que se vêem.

De acordo com a contribuição dos diversos autores consultados, pelo processo de comunicação compartilhamos as nossas ideias, os nossos problemas, a nossa visão mundo com os nossos semelhantes. Isso envolve a participação dos sujeitos o que também é necessário para a educação ambiental e para as diversas ações empreendidas pelas organizações que, como o InGÁ, procuram sensibilizar as pessoas a dotarem novos padrões de comportamentos tendo em vista a sustentabilidade socioambiental.

3.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental passou a ter destaque a partir de debates e discussões internacionais sobre o tema, particularmente os ocorridos em Tbilisi, (Geórgia) 1975, e Geórgia (antiga URSS), 1977, e em diversas outras regiões. No Brasil, foi por meio da Lei Federal de Educação Ambiental, de 1997, que as discussões, propostas de conceitos e ações ganharam destaque (SILVA;

STEENBOCK, 2013), embora projetos já fossem desenvolvidos há muito anos em escolas e por organizações ambientalistas.

Quando se fala de meio ambiente, aborda-se um tema recorrente e dominante na atualidade. Porém, ao falar de educação ambiental parece que a sua resposta ainda não foi encontrada, tanto no espaço acadêmico, científico, político e social, como também no mundo empresarial que é mais referido pelo discurso. É uma preocupação comum saber como lidar com o meio natural, que está sendo degradado cada vez mais devido às nossas atitudes antiéticas.

Nesta ótica percebem-se os danos que o lixo causa a natureza, ao ser depositado num lugar desapropriado e afetar diretamente a qualidade da nossa saúde, como também a poluição, desmatamento. Todavia, a solução desse cenário, precisa de uma resposta rápida e imediata.

Alves e Sorentino, afirmam que a educação ambiental é um ato político (FREIRE, 1977), posto que constrói por meio das relações sociais e pedagógicas a base instrumental, a consciência política e a capacidade crítica para se agir na história, na busca permanente e dinâmica da sociedade que desejamos.

Já Dias (1993) destaca que um programa de educação ambiental para ser efetivo deve promover simultaneamente, o desenvolvimento de conhecimento, de atitudes e de habilidade necessárias a preservação e melhoria da qualidade ambiental. Considera que os recursos existentes na terra são suficientes para atender as necessidades de todos os seres vivos existentes nesse planeta se forem manejados de forma eficiente e sustentados.

Parece que quanto mais surgem novas tecnologias, acaba facilitando ao homem se comunicar com o seu próximo de uma maneira rápida e eficiente, a fim de não tornar a pessoa um analfabeto ambiental. Nessa perspectiva teórica, Gaudiano (2005) aponta que a Educação Ambiental não deve ser tratada como uma disciplina isolada, mas como dimensão integrada no currículo escolar para facilitar uma percepção integrada do meio e uma ação mais racional capaz de responder as necessidades sociais.

Nada mais é que desenvolver nas pessoas o conhecimento, habilidades e atitudes voltadas para preservação do meio ambiente. Isto pode ser desenvolvido por órgão do governo ou por outra entidade ligada ao meio ambiente. Deve estar presente em todos os níveis educacionais e profissionais. Segundo Mozai Júnior (2008, p. 83), a educação ambiental é extremamente complexa para ser definida. Para ele a definição de educação ambiental para um aluno universitário deve ser bem diferente da de um político. O autor menciona que a constituição exige que a educação ambiental seja ministrada nas escolas. O que não implica necessariamente na exigência de se criar uma disciplina com esse nome, pois é plenamente possível inserir conceitos ambientais que visem a tão necessária conscientização nas disciplinas que já fazem parte da grande curricular do ensino fundamental e médio (MOZAI JÚNIOR, 2008).

Na visão de Teitelbaum (1978, p. 51 apud GAUDIANO, 2005, p. 34):

[...] educação não é gestora dos processos de mudança social, mas desempenha um papel importante como agente fortalecedor e acelerador desses processos transformadores. Ele definiu educação ambiental como a ação educativa permanente pela qual a comunidade toma consciência da sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si, e com a natureza, dos problemas derivados dessas relações e das suas causas profundas. Ele desenvolve, mediante uma prática que vincula o educando a comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido para a transformação superadora dessa realidade, tanto nos seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo no educando as destrezas e aptidões necessárias para essa transformação (TEITELBAUM, 1978, p. 51).

Conforme Gaudiano (2005), a Educação Ambiental, desenvolve-se mediante uma prática que vincula o educando e a comunidade a valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido para a transformação superadora da presente realidade. Tanto nos seus aspectos naturais como sociais, desenvolve no educando destrezas e aptidões necessárias para essa transformação.

Os principais problemas ambientais são as desigualdades sociais e regionais, exploração exagerada dos recursos naturais, urbanização acelerada,

contaminação ambiental crescente, falta dos conhecimentos sobre os ecossistemas e a sua gestão, carência das políticas e de legislação adequadas etc.(Gaudiano, 2005). É por isso que a educação ambiental é segundo Teitelbaum (1978, p. 52):

[...] um elemento essencial de todo o processo de desenvolvimento ecológico e, como tal, deve fornecer a todos os indivíduos e comunidades destinatárias, as bases intelectuais, morais e técnicas que lhes permitam perceber, compreender, resolver eficazmente os problemas produzidos pelo processo de interação dinâmica entre o meio ambiente natural e o criado pelo homem (quer se trate das suas obras materiais ou das suas estruturas sociais e culturais).

Leff (2001, p. 249-250) nos traz elementos importantes para a compreensão da dimensão da educação ambiental:

A Educação Ambiental foi reduzida de um processo geral de conscientização dos cidadãos, à incorporação de conteúdos ecológicos e à fragmentação do saber ambiental numa ligeira capacitação sobre problemas pontuais, nos quais a complexidade do saber ambiental permanece reduzida e mutilada. Educação ambiental tenta articular subjetivamente o educando a produção de conhecimentos e vinculá-lo aos sentidos do saber. Isto implica fomentar o pensamento crítico reflexivo e propositivo face às condutas automatizadas, próprias do pragmatismo e do utilitarismo da sociedade atual. Na formação universitária, além da introdução complexidade ambiental implica a participação ativa de pesquisadores, professores e alunos nas transformações do conhecimento e na atualização dos programas curriculares para introduzir o ensino dos paradigmas emergentes do saber ambiental.

A educação ambiental necessita envolvimento de tudo e todos para uma melhoria da qualidade ambiental que possibilitará servir para reduzir as disparidades existentes, e criar relações internacionais baseadas na justiça, igualdade, responsabilidade e de solidariedade, isso quer dizer proporcionar um novo estilo da vida, ou seja, do consumo tendo por base uma ética ecológica, que permite à reorganização da sociedade a partir dos princípios de autonomia, convivência, solidariedade, integração e criatividade em harmonia com a natureza, encher o vazio deixado pela ciência moderna. É necessário que essa preocupação seja incorporada pelo poder público em busca de soluções para os problemas concretos que nos aflige no nosso dia a dia, com estímulo à

participação ativa da comunidade para resolvê-los. O ensino interdisciplinar no campo ambiental implica a construção de novos estilos de saberes, técnicas e conhecimentos e sua incorporação como conteúdos integrados no processo de formação. Isto quer dizer um processo de autoformação e a formação de coletiva da equipe de professores, de delimitação de diversas temáticas ambientais, de elaboração de estratégias de ensino e definição de novas estruturas curriculares. (LEFF, 2001, p. 240).

O mesmo autor considera que, os princípios e valores ambientais promovidos por uma pedagogia do meio ambiente devem enriquecer-se com uma pedagogia da complexidade, que induza nos educandos uma visão da multicausalidade e das inter-relações dos diferentes processos que integram seu mundo de vida nas diferentes etapas de desenvolvimento psicogenético. Para ele, os valores ambientais passam fundamentalmente por diferentes meios produzindo efeitos educativos, que envolve aspecto como comportamentos em harmonia com a natureza; abertura para pluralidade política e a tolerância para com o outro. (DIAS, 1992, p.79) enfatiza-se que:

A eficácia da ação das organizações intergovernamentais depende em grande parte dos vínculos que mantenha com as organizações não-governamentais e os organismos voluntários em âmbito local, sub-regional e nacional, e que aproveitam de melhor maneira possível suas capacidades e atividades; estimular uma tomada de consciência das questões ambientais por parte de organismos como as organizações profissionais de pessoal docente e outras organizações não-governamentais que se encarregam diretamente da infância e da juventude, para que participem de formulação e de execução de estratégias nacionais da educação.

Sato e Carvalho (2005) afirmam que os programas de educação ambiental centram-se nos três “R” já clássicos - Redução, Reutilização e Reciclagem- ou na gestão ambiental (gestão da água, gestão do lixo, gestão da energia).

Para essas autoras, a educação ambiental está seguidamente associada ao desenvolvimento do conhecimento e de habilidades relativas a ciências do

meio ambiente, do campo da pesquisa essencialmente interdisciplinar para a transdisciplinaridade.

O momento em que surge a educação ambiental está marcado por todas estas disputas; por isso, e pela necessidade de definir sua identidade frente a outros campos da educação, encontra no conceito de interdisciplinaridade um recurso muito conveniente, mas não se abre a um apropriado debate para lhe dar a especificidade requerida por um campo que se reconheça como de convergência disciplinar de áreas em conflito epistemológico e socioprofissional: as ciências naturais e as ciências sociais. (SATO; CARVALHO, 2005, p.123).

As autoras consideram que, o saber ambiental envolve vários campos que inclui uma série de práticas e políticas pedagógicas, religiosas e culturais, que se organizam de forma mais ou menos instituída, seja no âmbito do poder público, seja da organização coletiva dos grupos, associações ou movimentos da sociedade civil. (SATO; CARVALHO, 2005).

Conforme essas autoras a educação ambiental, em sua concepção contemporânea, e como resposta da educativa à crise ambiental, tem pouco mais de três décadas da sua existência. Tendo o seu início na década de 1960-1970. Na primeira Conferência Internacional de Estocolmo, foi estabelecido o primeiro foro oficial de alto nível em que se falou da prevenção como princípio da gestão ambiental e se reconheceu o papel que em teoria, se devia atribuir à educação como ferramenta para responder aos problemas ambientais. (SATO; CARVALHO, 2005).

O problema ecológico não é somente um problema técnico, mas sim, um problema ético. Uma vasta literatura no campo da ética ambiental tem identificado o antropocentrismo como um dos elementos responsáveis pela devastação ambiental. Pode-se citar alguns teóricos como: Merchant, 1992; Sessions, 1995; Sale; 1996; Fox; 2005; Naess; 1995; e em particular no Brasil algumas traduções de Capra (1982, 2000). Além dos trabalhos de Grun, (2002), Carvalho (2002), Unger (1991-1992), Flikinger (1994a, 1994b). Esses autores têm enfoques variados sobre como fazer frente da crise ecológica, mas todos concordam em um ponto: o antropocentrismo, que é a postura que apregoa que

o ser humano é o centro de tudo, e também o pivô da crise ambiental (SATO; CARVALHO, 2005).

Com as ideias dos autores que participaram dessa reflexão podemos compreender que a educação ambiental tem um potencial revolucionário e pode contribuir com a transformação da visão de mundo das pessoas. Por isso deve ser incorporada pelas escolas de forma transversal e também nas universidades para que seja possível reverter o processo de destruição das bases da vida.

3.3 A COMUNICAÇÃO EDUCATIVA

A comunicação educativa, juntamente com outros instrumentos, é importante para prevenir e aprender a controlar os riscos ambientais ou para diminuir a vulnerabilidade de um grupo populacional. Ela pode ser um suporte complementar ou estar integrada aos projetos de prevenção de riscos.

Nessa perspectiva, Gaudiano definiu a comunicação educativa como uma ação valiosa para iniciar um processo preventivo e também como acompanhamento durante a ocorrência de desastres, permitindo apoiar as suas diversas fases, ao conseguir trazer informação sobre a magnitude das mudanças que se vão produzindo entre os implicados e os resultados, na sua atitude e na capacidade de lidar com os diferentes tipos de riscos (GAUDIANO, 2005, p. 195).

Morigi, Kaufmann e Rocha (2011, p. 140), afirmam que a discussão pública em torno das questões ambientais tem-se multiplicado consideravelmente nos últimos anos. Problemas como aquecimento global, derretimento das geleiras, queimadas, desmatamentos, ameaças da extinção de algumas espécies, entre outros, vem ganhando espaço na mídia e pautando as conversas sociais. Esses fenômenos são traduzidos para o cotidiano dos indivíduos, principalmente através das informações, que assumem um papel central no mundo contemporâneo e da sua divulgação pelos meios de comunicação.

Os autores consideram que a informação deve ser concebida como um conceito chave na sociedade atual. É preciso compreender como se dão as práticas e os processos informacionais, ou seja, entender como se articula o processo de interação entre esses campos. Essa circulação de informações possibilita aos indivíduos compreenderem em relação à problemática ambiental local e, dessa forma, permitir atuação em prol da sua resolução.

Gaudiano (2005) reforçou a ideia ao admitir que nem a comunicação por si só, sem qualquer outro meio, pode eliminar completamente um determinado perigo; ninguém é invulnerável. Mas a comunicação educativa é apropriada para, juntamente com os outros instrumentos, prevenir e aprender a controlar riscos ambientais ou para diminuir a vulnerabilidade de um grupo populacional. Ele ainda afirma que uma regra básica da comunicação educativa é evitar as mensagens escritas em termos negativos, o que é bastante freqüente na comunicação ambiental.

Hoje é fundamental que os jornalistas cubram os temas ambientais sistematicamente; que estudem e apurem com exatidão e falem com o maior número possível de pessoas, a fim de avançar ao máximo na discussão. Mais do que isso é importante lutar para que as redações abandonem de vez muitos métodos ultrapassados e reducionistas. Para ele meio ambiente tem relação com todas as esferas da sociedade e deve ser coberto à altura das complexas demandas de nosso tempo. O modelo que deve ser buscado na cobertura jornalística de meio ambiente é aquele que abre espaço para os aspectos sócias e culturais do cotidiano, e não apenas para o aspecto político-econômico. Nesse novo modelo proposto deve haver também um incentivo à oxigenação das formas da expressão, talvez resgatando as grandes reportagens literárias em estilo dinâmico e refinado. (GAUDIANO, 2005).

Por sua vez Leff (2001) afirma que o saber ambiental estabelece uma relação entre a realidade e o conhecimento: não só busca complementar o conhecimento da realidade existente, mas orienta a construção de outra organização social que não seria a projeção das tendências atuais para o futuro.

O saber ambiental constitui novas identidades e interesse, onde surgem os atores sociais que mobilizam a construção de uma racionalidade ambiental. Para ele, esse saber se produz numa relação entre teoria e práxis. O conhecer não se fecha em sua relação objetiva com o mundo, mas se abre a criação de sentidos civilizatórios. A qualidade de vida, como finalidade última da realização do ser humano, implica um *“savoir vivre”* no qual os valores e os sentidos da existência definem as necessidades vitais, as preferências culturais e a qualidade de vida do povo. O autor coloca a problemática ambiental como sintoma de crise de civilização da modernidade. Destaca a necessidade de criar uma consciência a respeito de suas causas e suas vias de resolução. Isto passa por um processo educativo que vai desde a formulação de novas cosmovisões e imaginários coletivos, até a formação de novas capacidades técnicas e profissionais. Destaca também a necessidade de reorientação dos valores que guiam o comportamento dos humanos em relação à natureza, até a elaboração de novas teorias sobre as relações ambientais de produção e reprodução social, bem como a construção de novas formas de desenvolvimento. (LEFF, 2001).

Leff (2001) entende que conceito de ambiente se defronta com as estratégias da globalização. O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da reinvenção do mundo, não só um mundo no qual caibam muitos outros mundos, abrindo o cerco da ordem econômico-ecológica globalizada.

A alfabetização ecológica recoloca o ambiente em nossas vidas. Quando aplicado esse conceito de alfabetização a nós próprios, é fácil encontrarmos as numerosas fissuras da nossa própria prática em que somos analfabetos ambientais. Por exemplo, somos analfabetos quando não podemos modificar os interesses que se encontram presentes nos discursos que circulam no campo do ambientalismo I e da educação ambiental em geral. Interesses que são transmitidos conforme os projetos pedagógicos que instrumentamos, pensando que assim contribuimos para salvação do mundo. É preciso estar atentos para

não reforçarmos nos projetos de educação ambiental visões que interessam a indústria da poluição e da obtenção de lucro por meio da exploração da natureza.

Esse autor afirma que os discursos ambientalistas conectados com a sustentabilidade da vida estão relacionados com as culturas indígenas ou simplesmente tradicionais, cujas formas de vida se encontram muito melhor adaptadas e integradas nas condições do meio ambiente. (GAUDIANO, 2005).

Realmente, a explicação da problemática ambiental situa-se, não nos sintomas, mas no próprio centro de atividade humana, extrativa ou produtiva, contextualizada de forma cultural. Quer dizer, no interior da cultura e dos processos sociais: econômicos, tecnológicos, simbólicos etc., inerentes ao sistema de produção mediante os quais o homem se articula ou desarticula com o sistema natural (GONZÁLEZ, 1996, p. 22 apud GAUDIANO, 2005, p.170).

Dias (1993), lembra que na Conferência Internacional de Tbilisi sobre Educação Ambiental foi destacada a missão educativa dos meios de comunicação para preparar os indivíduos para compreenderem os principais problemas do mundo contemporâneo, lhes proporcionado conhecimentos técnicos para agirem no sentido de melhorar a vida e proteger o meio ambiente, tendo por base valores éticos. Na conferência foi definido que a educação ambiental é:

Um processo de permanente no qual, os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquire o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir— individual e coletivamente — e resolver problemas ambientais presentes e futuros (DIAS, 1992, p. 83).

Essa definição recoloca a importância da educação ambiental, como processo permanente, ser assumida pelas instituições educativas, pela família, pelos meios de comunicação e pelas organizações não governamentais ambientalistas.

3.4 OS PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS AMBIENTALISTAS NO BRASIL

A comunicação é um fator primordial dentro de uma organização, e é fundamental para o processamento de funções administrativas internas e de relacionamento das organizações com o meio externo. Nesse caso é preciso levar em consideração todos os fluxos de dados que são coadjuvantes, de certa forma dos processos de comunicação e intercomunicação da organização. Conforme Kunsch (2003), a comunicação organizacional tem de ser pensada numa perspectiva da dinâmica da história contemporânea. As organizações de um modo geral, como fontes emissoras de informações para os seus mais diversos públicos, não devem ter a ilusão de que todos os seus atos comunicativos causam os efeitos positivos desejados ou são automaticamente respondidos e aceitos da forma como foram intencionados. Na visão dessa autora é, preciso levar em consideração dois aspectos fundamentais relacionado aos contextos internos e externos, bem como a complexidade que permeia todos os processos comunicativos. A autora destaca que não é pelo fato de existir uma comunicação formalizada ou sistematizada que todos os problemas de uma organização serão resolvidos.

É necessário estudar todos os fenômenos intrínsecos e extrínsecos do que constitui um agrupamento de pessoas das organizações que trabalham coletivamente para atingir metas específicas, relacionando-se interruptamente, cada uma com a sua cultura e o seu universo cognitivo, exercendo papéis e sofrendo todas as pressões inerentes ao seu ambiente interno e externo, além de terem de enfrentar as barreiras que normalmente estão presente no processo de comunicação (KUNSCH, 2003. p. 73).

Para Kunsch, (2003) o sistema de comunicação das organizações flui basicamente por meio de duas redes: formal e a informal. Conforme Keith Davis e John Newstrom, (1996, p.123)

[...] os planos e as políticas formais não podem resolver todos os problemas existentes em uma situação dinâmica, porque eles são preestabelecidos, em parte, inflexíveis. Algumas exigências podem ser

mais bem entendidas através de relações informais, que podem ser flexíveis e espontâneas.

De acordo com a Kunsch (2003), o sistema formal de comunicação de toda organização pode ser definido como conjunto de canais e meios de comunicação estabelecidos de forma consciente e deliberada e é suplementado por uma rede informal de comunicações, baseado nas relações sociais intra-organizativas, considerando como uma forma mais rápida de atender as demandas mais urgentes.

A autora destaca ainda que a comunicação formal é a que procede da estrutura organizacional propriamente dita, de onde emana um conjunto de informações pelos mais diferentes veículos (impressos, visuais, visuais, auditivos, eletrônicos, telemáticos), etc. Enquanto o sistema informal da comunicação emerge das relações sociais, entre as pessoas, que não é requerida e contratada pelas organizações, destaca a importância da formação de lideranças e comissões dos trabalhadores, que sem aparecer na estrutura formal, desempenham um importante papel dentro da organização. (KUNSCH, 2003).

Num ambiente organizacional as pessoas podem facilitar assim como podem dificultar as comunicações, visto que tudo dependerá da personalidade de cada, do seu estado de espírito, das emoções dos valores e da forma como cada individuo, se comporta no âmbito de determinados contextos. (KUNSCH, 2003).

Canellas (2004) destaca que não há nada mais intrinsecamente solidário que defender as questões ambientais para garantir a sobrevivência dos que ainda nem nasceram. Para ele defender o meio ambiente é defender o nosso futuro. Afirma que jornalismo tem sido incapaz de conectar os avanços e retrocessos da luta ambiental com a vida das pessoas comuns e tem insistido em apresentá-los em comportamentos estaques, apartados do cotidiano da sociedade.

Trigueiro (2004) considera que o interesse dos jornalistas nas questões ambientais no Brasil é invariavelmente autodidata, num país onde a oferta dos

cursos nessa área ainda é escassa e o incentivo das empresas de comunicação para uma especialização é praticamente nulo. Isso revela as dificuldades dos jornalistas em entender os problemas ambientais, e como levar essas informações junto ao público.

Cabe as organizações não-governamentais abastecer permanentemente os jornalistas com o resultado de seus alertas e investigações. Para exercer o seu papel com credibilidade as ONGs devem seguir critérios, mostrar rigor na precisão das informações transmitidas e comunicarem as suas ações positivas. Seria bastante útil a criação de uma assessoria de comunicação para se encarregar do processo comunicativo, e explicar com clareza e objetividade o assunto em pauta permitindo ao jornalista dar valor a assuntos que antes desconhecia. (BLECHER, 2004).

No próximo capítulo apresento as estratégias de comunicação para a educação ambiental empregadas pelo InGÁ, detalhando inicialmente a metodologia adotada para a realização da pesquisa.

4 AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DO InGá - INSTITUTO GAÚCHO DE ESTUDOS AMBIENTAIS

Antes de iniciar a descrição e análise das estratégias de comunicação do InGÁ nos seus projetos de educação ambiental é necessário registrar que para atingir os objetivos da pesquisa a metodologia empregada para a construção desse trabalho envolveu a pesquisa bibliográfica, análise de site e blogs, participação nas reuniões e nos eventos e entrevista com uma das lideranças. Para a realização da entrevista foi elaborado um roteiro orientador, assim como um documento de autorização para o uso das informações na elaboração do TCC (ANEXO 1).

Também foi realizada uma pesquisa documental para coleta de materiais impressos como o estatuto, regimento interno, projetos desenvolvidos pelo InGÁ, materiais impressos para buscar novos associados, cartilhas (plantas alimentícias não convencionais) e folders utilizados na educação ambiental.

A ideia de fazer o estudo da comunicação e a educação ambiental a partir do InGÁ surgiu no primeiro semestre de 2012 com o propósito de elaborar o projeto de pesquisa na cadeira de Metodologia de Pesquisa em Comunicação.

A escolha desse objeto de pesquisa ocorreu com ajuda da minha orientadora professora Ilza Girardi, visto que a primeira escolha recaiu numa ONG do meu país de origem. No entanto ao longo desse período que eu cursava a disciplina de metodologia ocorreu um golpe de estado no meu país Guiné-Bissau e as comunicações foram interrompidas por algum tempo. Então fui obrigado a mudar meu objeto de estudo. Mesmo assim tive dificuldades na construção do trabalho, pois não encontrei pesquisas semelhantes que pudessem me orientar.

Este é o primeiro estudo realizado sobre o InGÁ o que tornou mais importante a minha participação nas diversas atividades da organização. Procurei participar de alguns atos como audiências públicas sobre corte das árvores na Usina do Gasômetro - que ganhou a repercussão nacional e internacional -, da Feira Ecológica aos sábados, na Rua Jose Bonifácio, onde o

InGÁ participa e distribui cartilhas e folder como forma de buscar novos apoiadores.

Como já mencionado o InGÁ tem seu endereço na Rua Fernando Machado, número,464. Tive muita dificuldade de encontrar o local visto que a sede não tem a identidade visual que auxiliaria a chamar a atenção de qualquer pessoa seja da comunidade ou não. Conversei com algumas pessoas que participaram de eventos no local e as mesmas também consideraram necessário haver uma identidade visual da ONG.

Como as pessoas que trabalham no InGÁ atuam de forma voluntária, muitas vezes, algumas ações acabam por não sair do papel. Isso influencia nas etapas de comunicação, prejudicando as formas de divulgação de eventos e outras ações que a mesma esteja exercendo.

Conforme Rüdiger (2011) comunicação não pode ser reduzida à produção, veiculação e recepção das mensagens constitui um processo que se estrutura com base em determinados códigos que, previamente, criam as condições para as pessoas se comunicarem com sucesso.

A comunicação da entidade está dirigida mais para um público de jovens universitários com a idade entre 24 a 30 anos. Mesmo assim a sua comunicação é artesanal, ou seja, bastante precária. Muitas vezes as campanhas acabam tendo pouca participação do público devido à precariedade da comunicação.

Depois de varias participações nos eventos como feira ecológica, nas manifestações e audiências públicas, percebi que os movimentos ambientalistas enfrentam uma dificuldade enorme, tanto a nível econômico, quanto em relação à política governamental, além de a grande mídia não divulgar o trabalho feito pelos ambientalistas, e às vezes, desvalorizar os seus trabalhos.

Na sede do InGÁ existem quatro computadores de uso comum, uma estante cheia de livros, formando uma biblioteca, uma sala de reunião e um escritório. O espaço onde ocorrem as reuniões é uma sala bastante pequena com capacidade máxima de dez pessoas. A pintura da sede não a identifica como uma ONG que luta pela causa ambiental. Isto é compreensível na medida

em que se sabe que as ONGs contam somente com a contribuição dos seus associados e desenvolvem uma série de atividades de certa forma mais importantes do que uma pintura na parede.

Riel (1997, p. 1 *apud* OLIVEIRA; PAULA, 2008, p. 17) destaca duas funções da comunicação no exercício do papel denominado por ele “função janela” e “função espelho”.

A primeira refere-se à elaboração de políticas de comunicação, que assegurem unidades mensagens e representam todas as facetas da organização, de forma clara e objetiva. Enquanto a segunda refere-se ao acompanhamento de mudanças relevantes do ambiente e a antecipação de possíveis impactos na política de organização.

O InGÁ possui um “Sítio Eletrônico” que é o canal de comunicação mais utilizado para se comunicar com o seu público, mesmo não sendo atualizado diariamente com matérias, reportagens, artigos e chamadas com informações socioambientais. Esse espaço une informações e atividade que a própria ONG promove e serve como importante estratégia de comunicação que possibilita o público conhecer a entidade, manter o cidadão informado sobre as políticas públicas ambientais como também espaço para divulgação das palestras, cursos, manifestações públicas no que diz respeito a questões ambientais ou de áreas afins.

Figura 3 -- Imagem da pagina inicial do InGÁ

Fonte: InGÁ (2009, *on-line*).

Esse é um canal de comunicação, de trocas de ideias, onde cada um sente-se a vontade de fazer a sua publicação e postar comentários. O espaço oferece uma biblioteca, onde assuntos ligados a temática da silvicultura, educação ambiental, e sistema energético, principalmente, podem ser pesquisados. Outra finalidade da existência desse canal de comunicação é de possibilitar a comunicação com as outras ONGs de diferentes partes do país.

Além de dificuldades financeiras que a entidade atravessa, também há carência dos recursos humanos, sobre tudo na área da comunicação, para que a ONG dê visibilidade para as suas atividades. Por isso muitas vezes divulga suas atividades da EcoAgência, na APEDEMA e no Centro de Estudos Ambientais - CEA Apesar disso o InGÁ procura sempre estar presente nas mídias para se comunicar com o seu público, através de meios eletrônicos. Atualmente a entidade não possui cadastro para os associados visto que o número dos seus associados ativos está em torno de uma meia dúzia de pessoas.

A participação da maioria dos membros é nos eventos organizados. Por exemplo, o evento “BIODIVERSIDADE EM FOCO”, acontece uma vez por mês com a finalidade de mostrar a grande quantidade das plantas existentes no Brasil. em particular no Rio Grande do Sul, consideradas como “plantas daninhas”.

Mesmo as dificuldades apontadas o Ingá realiza a comunicação com seus associados e com o resto da sociedade por meios de comunicação oficial e não oficial. Os meios de comunicação utilizados pelo InGÁ são:

- a) Do seu site oficial- www.inga.org.br; embora não é atualizado diariamente;
- b) Ingazeiros@yahoogrupos.com.br- utilizado para divulgação de denúncias contra o poder público, como também as empresas privadas;
- c) ingavivos@yahoogrupos.com.br- de mesma função do grupo Ingazeiros, porém, sua comunicação é restrita aos associados;
- d) inga@inga.org.br- endereço eletrônico utilizado para contato com todo o público interessado;
- e) coordenacao@inga.org.br aqui são feitos contatos com relação à agenda de reuniões, projetos, oficinas e programações da ONG.
- f) Página do Facebook©;
- g) Canal do Twitter©;
- h) Canal do You Tube©.

Além desses espaços a comunicação também ocorre nas palestras, principalmente no ciclo "Biodiversidade em Foco"; nos fóruns, tanto oficiais quanto não; nos Cursos; na banca da Mostra "Biodiversidade pela Boca"; nos contatos pessoais dos membros do InGÁ tanto na sede quanto em outros lugares públicos.

É através de todas as estratégias e canais de comunicação que o InGÁ faz a educação ambiental do público.

Percebe-se a página de facebook está muito precária, pois desde a sua criação em 2011 somente 585 pessoas curtiram as notícias publicadas, enquanto o Twitter só tem 67 seguidores.

Figura 4 – Página inicial do InGÁ no Facebook



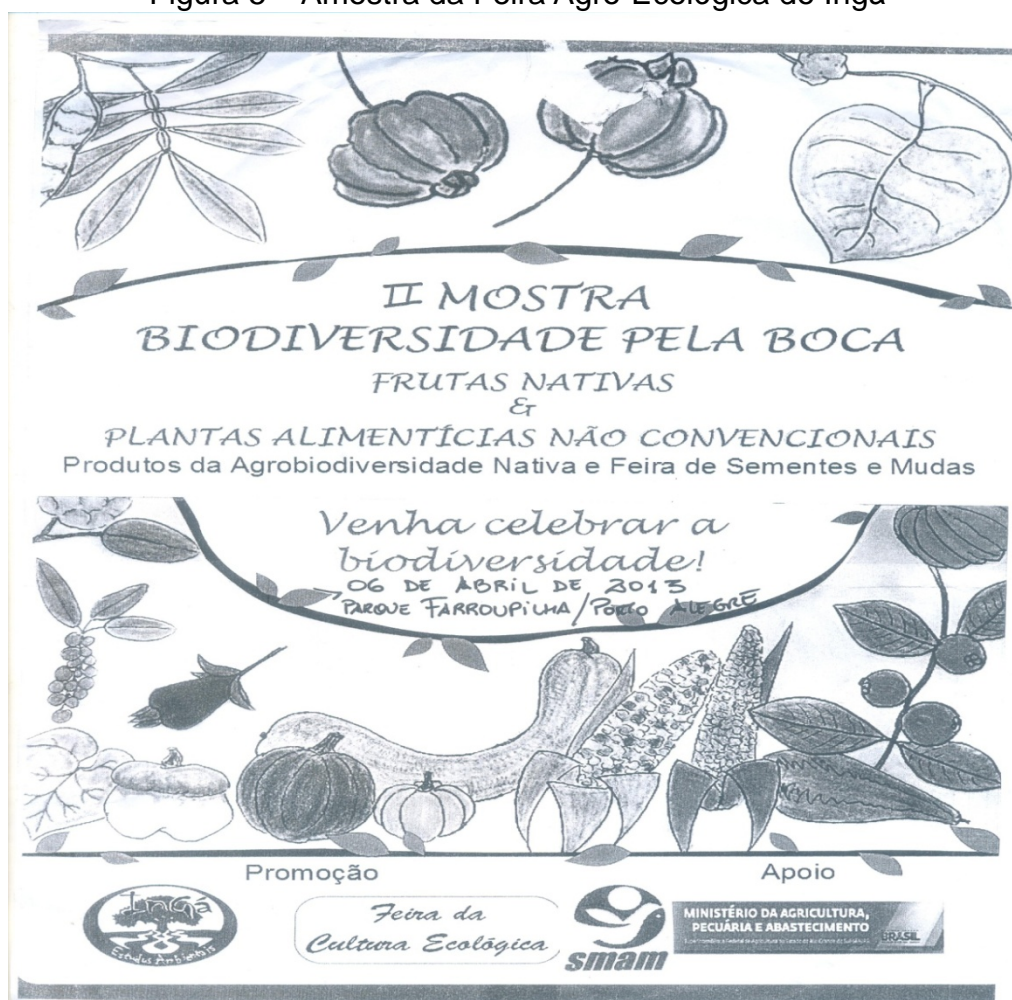
Fonte: <http://facebook.com/inga>.

A lista ingazeiros foi criada com a finalidade de manter o contacto com os membros do InGÁ e seus simpatizantes. Cada mensagem ou postagem é recebida por todos os membros desse grupo eletrônico, que foi criado em 2002 e já conta com 533 integrantes.

“Biodiversidade pela boca” é considerado ponto mais alto do InGÁ e é uma forma de trazer ao público uma amostra da biodiversidade nativa que pode ser utilizada na alimentação. No documento que eu tive acesso aponta que Brasil é um país com maior biodiversidade no mundo, com 15 a 20% de espécies das espécies do planeta. Os pesquisadores indicam que só no Rio Grande do Sul existe em torno de 150 plantas nativas com frutos alimentícios que ainda são desconhecidos.

Para divulgar suas atividades e angariar novos associados e simpatizantes o InGÁ também se utiliza de materiais impressos como folhetos, folders e cartilhas elaborados em papel sem cloro e com ilustrações simples, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 5 – Amostra da Feira Agro-Ecológica do Ingá



Fonte: InGÁ, ([2010?]).

Figura 6 – Amostra da Feira Agro-Ecológica

seja um dos

1001

APOIADORES DO INGÁ


O Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais - InGá - completou 13 anos em abril. Desde a sua criação, em 1999, vem trabalhando com a conservação e a utilização sustentável da biodiversidade, além de se dedicar à política (apartidária), à educação e aos direitos ambientais.

Estamos envolvidos em uma rede de coletivos, movimentos e instituições que comungam nossos ideais, incluindo a nossa sede, que se situa em uma comunidade urbana, a Comuna do Arvoredo.

O InGá se destaca por ser uma voz independente e crítica à sociedade de consumo. Desenvolve proposições e alternativas no caminho da sustentabilidade socioambiental e na articulação da juventude. O trabalho dos Ingaizeiros é na sua maioria voluntário.

Justamente por considerarmos que as organizações ambientalistas não devem ter conflito de interesses com setores econômicos, o InGá não aceita recursos financeiros de empresas degradadoras do meio ambiente. Tampouco recebemos recursos de partidos políticos ou mandatos públicos. Por isso, propomos às pessoas que podem, que se tornarem apoiadoras do InGá.

Veja no verso como é fácil para tornar-se um apoiador e, assim, ajudar muito o InGá!



Como uma ONG ativa e militante, precisamos manter uma estrutura mínima. Temos uma série de custos fixos ligados à manutenção de nossa sede. Esperamos cobrir os nossos custos fixos com base em doações de cidadãos e cidadãs interessados em colaborar com o trabalho do InGá.

Se você é cliente do Banco do Brasil, é muito fácil. Basta ir em uma caixa eletrônico e programar uma transferência periódica. No menu de "Transferência", selecione a opção "Mesada". Após confirmar, preencha os campos com os dados do InGá, que são os seguintes:

Agência: 1899-6 Conta corrente: 8245-7

Depois, você deve preencher os campos com o valor que lhe cabe e lhe convém apoiar e também selecionar o melhor dia do mês para débito, a periodicidade (mensal ou quinzenal) e por quanto tempo essa operação estará ativa.

Após confirmar o procedimento, entre em contato conosco pelo e-mail inga@inga.org.br informando seu nome, dados bancários, o valor do apoio e por quanto tempo estará vigente. Assim, poderemos cadastrá-lo como um apoiador e também manteremos o bom funcionamento da campanha.

Todos os contribuintes serão convidados no fim do ano a prestigiar nossa Assembléia Geral, onde prestaremos contas do dinheiro arrecadado; também terão o nome registrado no site eletrônico em agradecimento e descontos em cursos e outras atividades com custos.

O InGá agradece muito a sua participAÇÃO!

nos visite em:
www.inga.org.br
Rua Cel. Fernando Machado, 464 - Porto Alegre-RS

Fonte: InGÁ ([2010?]).

Figura 7 – Amostra da Feira Agro-Ecológica

FRUTAS POA FRUTAS POA FRUTAS POA FRUTAS POA FRUTAS

Porto Alegre possui mais de 80 tipos de frutas nativas, diversas já reconhecidas como alimento. Entretanto, em grande parte permanecem desconhecidas pela maioria da população. O InGÁ - Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais - busca trazer informações sobre a grande variedade das frutas, seu potencial de uso e importância em áreas naturais.

Cereja-do-mato

Se você tem informações sobre alguma frutífera nativa que se destaca seja pela produção abundante, tamanho e/ou sabor dos frutos, informe o InGÁ e seja um parceiro dos nossos projetos!

Guabiju

Reconhecimento de matrizes
A identificação de plantas que se destacam pela produção e qualidade de seus frutos permitem a formação de um banco de dados para fomento de informações biológicas e etnobotânicas.

 inga@inga.org.br
www.inga.org.br

Fonte: InGÁ ([2010?]).

Figura 8 - Amostra Agro-Ecológica com frutos alimentícios não convencionais

2013

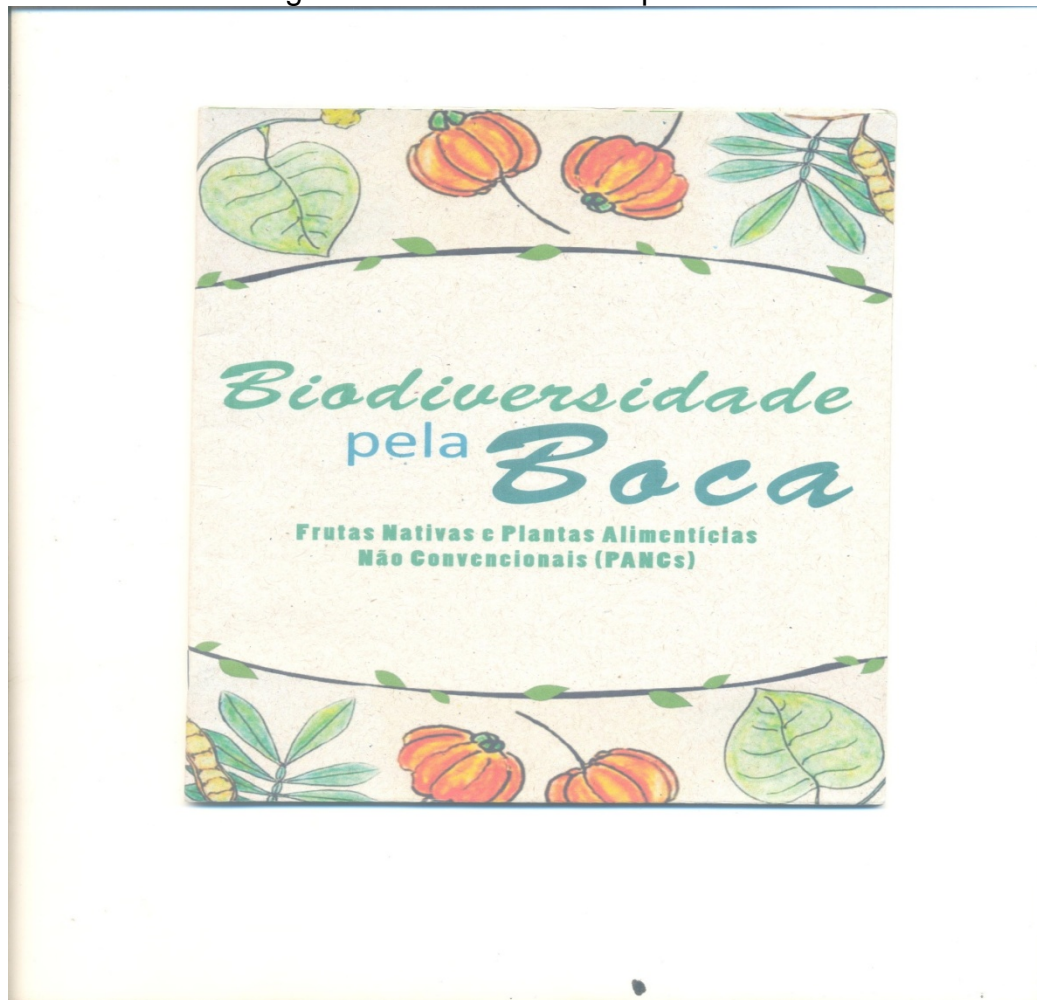
Frutas do Rio

Nativas Grande do Sul

Uvaia (Janeiro) Inga (Fevereiro) Butiá (Março) Araticum (Abril)
Feijoa (Maio) Balaúba do Mato (Junho) Baboosa (Julho) Ficus (Agosto)
Guabiju (Setembro) Araçá Piranga (Outubro) Jaboticaba (Novembro) Mandacari (Dezembro)

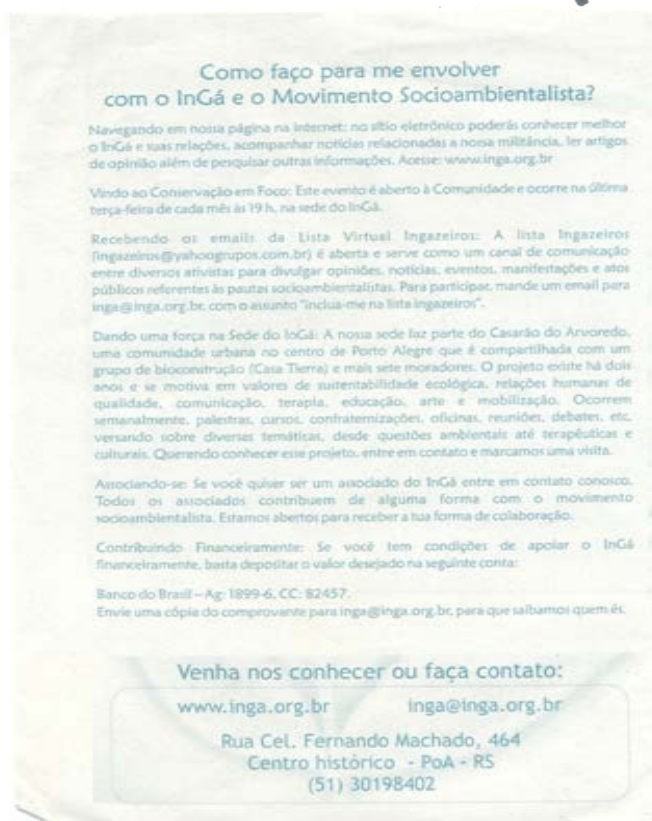
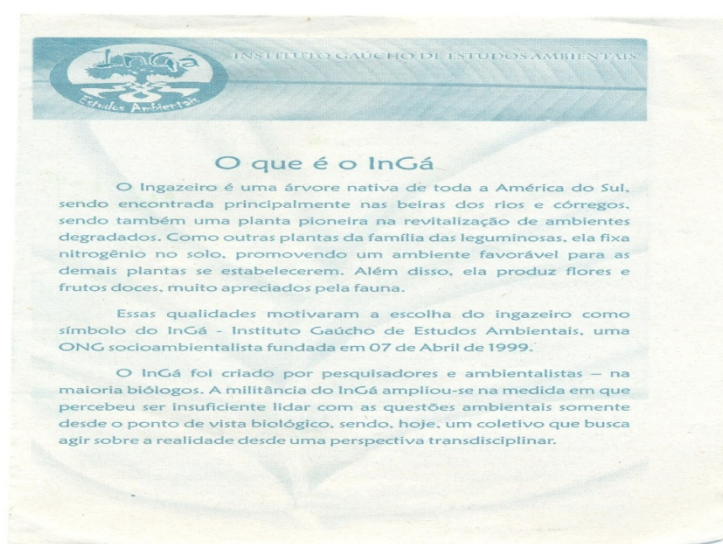
Fonte: InGÁ ([2010?]).

Figura 9 – “Biodiversidade pela boca”



Fonte: InGÁ (2009).

Figura 10 – Folder de divulgação “O que é InGÁ”



Fonte: InGÁ (2009).

Como já mencionado, tais imagens fazem parte de um conjunto de atividades de comunicação voltadas à educação ambiental, dirigida aos militantes e à comunidade em geral.

Os principais temas abordados pelo InGÁ nas suas mídias e nos seus eventos são: Biodiversidade; questões energética e principalmente hidrelétricas como os projetos de *UHE PAI Querê*, *UHE Garabi*, *UHE Barra Grande*, e outras do Rio Uruguai; Transgênicos; plantas alimentícios não convencionais; Bem viver; Questões socioambientais e populações originários e tradicionais; Cultura Ecológica; Atividade de educação ambiental com a escolas.

Os eventos realizados pelo InGÁ ou que conta com a sua participação são: Dia de Biodiversidade; Biodiversidade em Foco; Reuniões dos Conselhos do Meio Ambiente em todos os âmbitos; Manifestações em defesas da natureza; E *contramegaemprendimento*; Debates sobre meio ambiente Mini-cursos.

De acordo com Matheus da Silva³, a educação socioambiental buscamos trabalhar desde o uso e reinvenção do pátio, convidando a comunidade a educação ao ar-livre e no contato direto com a natureza com os seus elementos. Neste sentido tratamos a *permacultura*, como conceito/referencia construído historicamente como ferramenta de base para transformação do cotidiano social de uma lógica consumista, alienada *urbanidade*, para uma lógica criativa, sustentável e autônoma. Sendo assim desenvolvemos agricultura urbana como ferramenta de aproximação com a natureza, mas principalmente de fortalecimento de capacidade de subsistência das comunidades em eventual crise de energia.

Conforme explica o Matheus o InGÁ Atua na “recuperação de ambientes, considerando que a realidade urbana demonstra em sua maioria ambientes impactados e contaminados”. Para ele:

[...] o estudo, compreensão e difusão, da biodiversidade (nativa e também exótica) é o principal tema desenvolvido pelo InGÁ , especialmente no que compreende o resgate de espécies, fruto do

³ SILVA, Matheus. **Educação ambiental e o InGÁ**. Porto Alegre, 2013. Informação verbal obtida através de correio eletrônico, no dia 19 de junho de 2013.

melhoramento produzido desde agricultura antigas, seja estas ameríndias, quilombolas, ou européias.

O entrevistado destaca o trabalho com a divulgação e recuperação das frutas nativas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, bem como “a resistência política a tentativa do poder econômico de construir a *UHE PAI Querê* na bacia do Rio de Pelotas”. Destaca também que a “em tempos de alienação, esquecimento, e de paisagens, urbanas descolares, o InGÁ carrega técnicas, alternativas, propostas e soluções, além de mudas e sementes, livros e ferramentas”⁴. A participação de maioria é nos eventos organizados. Por exemplo, o evento “BIODIVERSIDADE EM FOCO”, que acontece uma vez por mês com a finalidade de mostrar a grande quantidade de plantas existentes no Brasil, em particular no Rio Grande do Sul, consideradas como “plantas daninhas”, tem uma boa participação dos associados.

É através de todas as estratégias e canais de comunicação que o InGÁ faz a educação ambiental do público. Para Paulo Brack é difícil saber se InGÁ consegue atingir os seus objetivos de educação ambiental através dos seus eventos, porque a dificuldade com a participação dos associados e dificuldades e dificuldades do ponto de vista recursos financeiros e humanos dedicados a comunicação⁵.

Para Oliveira (2007), o monitoramento da comunicação organizacional deve contemplar dois níveis. Primeiro nível refere-se à qualidade, aos impactos e aos resultados do processo comunicacional em relação a uma situação inicial, aos objetivos estabelecidos e a referências de mercado. Permite também o gerenciamento do processo de construção de sentido. O segundo nível diz respeito à contribuição da comunicação para o alcance dos objetivos organizacionais. Com base nisso, o autor considera que é necessário estruturar um padrão que contemple a definição dos indicadores de desempenho do processo, alinhados aos objetivos estratégicos da organização.

⁴ SILVA, Matheus. **Educação ambiental e o InGÁ**. Porto Alegre, 2013. Informação verbal obtida através de correio eletrônico, no dia 19 de junho de 2013.

⁵ BRACK, Paulo. **Educação ambiental e o InGÁ**. Porto Alegre, 2013. Informação verbal obtida através de correio eletrônico, no dia 19 de junho de 2013.

Nessa perspectiva percebe-se que não basta só estar presente em todas as redes sociais, sem nenhum tipo de planejamento estratégico, ou seja, não adianta abrir canal de comunicação na Web se ela não tem retorno. O trabalho da comunicação é acompanhar o processo difundir os conhecimentos que atingem a sociedade de um modo global. Os sites da organização, principalmente as redes sociais necessitam de atualizações periódicas como também acompanhamento constante.

Para finalizar este relato, no próximo capítulo faço as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho convém lembrar o problema de pesquisa que o motivou: Quais são as estratégias de comunicação utilizadas pelo INGÁ - Instituto Gaúcho dos Estudos Ambientais - na divulgação das suas ações de educação ambiental? As estratégias de comunicação contribuem para que a ONG promova a educação ambiental de seu público?

Para resolver o problema foram elaborados o objetivo geral e os específicos, que foram atendidos ao longo da investigação.

.A informações colhidas durante a entrevista realizada com o Prof.Dr. Paulo Brack, nas visitas, nas pesquisas em documentos, na observação das ferramentas eletrônicas e na participação em diversos eventos mostram que o InGÁ atua de forma a atender ao que se propõe em relação à sua visão, missão e valores que defende,que representam ao que existe mais avançado em proposta de educação ambiental.

As dificuldades financeiras, a pouca participação de seus associados e a falta de profissionais de comunicação impedem que suas ações tenham a visibilidade que poderiam alcançar, mesmo que na comunicação face a face os resultados sejam positivos.

A identificação do prédio com uma identidade visual ou fachada seria importante para chamar a atenção do visitante ou de quem transita pela rua.

É possível perceber que o InGÁ atravessa um momento difícil tal como qualquer organização ambientalista no Brasil, em particular no Estado do Rio Grande do Sul, do ponto de vista político e econômico. Suas atividades são realizadas na base de uma política de enfrentamento dos poderes público e privado. A ideologia econômica e o consumo compulsivo levou o homem a explorar a natureza mais do que o seu próprio limite. Os ambientalistas de um modo geral lutam para conscientizar a sociedade a consumir de forma equilibrada, sem comprometimento das futuras gerações de todas as formas de vida. As empresas perseguem o lucro a qualquer custo e os governos, com o

discurso de estar defendendo o interesse público, defendem na maioria das vezes interesses privados.

Os ambientalistas, mesmo com poucos recursos conseguem mobilizar a sociedade como ocorreu com a poda das árvores em Porto Alegre para chamar a atenção da população para o absurdo das políticas que privilegiam o uso de automóveis. Por outro lado a Operação Concutare da Polícia Federal recebeu o apoio dos ambientalistas, que reconhecem a necessidade da repressão a crimes ambientais e também contra o patrimônio público. O InGÁ, assim como outras entidades ambientalistas, participou da homenagem à Polícia Federal em defesa do patrimônio ambiental. Tais ações tiveram repercussão na mídia.

Com a pesquisa foi possível perceber que apesar das dificuldades financeiras e de fazer chegar as suas ações na mídia, o InGÁ consegue mobilizar as pessoas através dos contactos eletrônicos, como emails, distribuição dos panfletos folders, divulgação no facebook e no seu site.

Os problemas ambientais não devem ser só preocupação dos ambientalistas. A educação ambiental deve estar presente em todo lugar independente do ambiente onde o ser humano estiver. Hoje as empresas usam o meio ambiente na sua publicidade para agregar valor ao seu produto. Com o discurso verde buscam sensibilizar corações e mentes para suas causas.

Com a realização deste trabalho de conclusão do Curso de Relações Públicas tive o privilégio de participar de vida de uma entidade ecológica. A escolha do InGÁ foi acertada, pois pude conhecer a grandeza de seu trabalho para a construção de uma vida sustentável. Vi que os problemas na área da comunicação existem e que poderão ser superados havendo mais profissionais engajados. A experiência me mostrou um campo para um trabalho voluntário para qualificação da comunicação, como também a possibilidade trabalho remunerado, através de editais de agencias financiadoras de projetos de educação e comunicação ambiental.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. Estratégia, comunicação e relações públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/teoriaseconceitos/0148.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2013.

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em Mutação: menos catástrofe, mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.). **Formação Informação Ambiental**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

BLECHER, Nelson. Muito além dos negócios. In: **MANUAL de comunicação e meio ambiente**. São Paulo: Petrópolis, 2004. p. 119-120.

BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. **Pioneiros da Ecologia**: breve história do movimento no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: JÁ Porto Alegre Editores, 2007.

CANELLAS, Marcelos. O ovo de Colombo. In: **MANUAL de comunicação e meio ambiente**. São Paulo: Petrópolis, 2004. p. 116.

CARNEIRO, Augusto Cunha. **A história do ambientalismo**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

CRISTINA, Isabel de Moura de Carvalho. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DIAS, Freira Genebaldo. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia Ltda, 1992.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GONZALEZ-GAUFIANO, Edgar. **Educação Ambiental**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LEIS, Héctor, Ricardo. **A modernidade insustentável**: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Florianópolis: Vozes, 1999.

INGÁ: estudos ambientais. Porto Alegre: Ingá Estudos Ambientais, 2009; c2013. Disponível em: <<http://www.inga.org.br/>>. Acesso em: 31 maio 2013.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2009. 2v.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas**: na comunicação integrada. 4. ed. rev. São Paulo: Summus, 2003.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEITE, Marcelo. Interpretação informada e pessoas interessantes. In: MANUAL de comunicação e meio ambiente. São Paulo: Petrópolis, 2004. p. 114-115.

MORIGI, Valdir José; KAUFMANN, Cristine; ROCHA, Carla Pires Vieira da. Práticas informacionais, educação ambiental, e o exercício da cidadania. In: ECOS do planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.P.155.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida de. **O que é comunicação estratégica nas organizações?** São Paulo: Paulus, 2008.

RUDIGER, Francisco. **As teorias de comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SZABÓ JÚNIOR, Adalberto Mohai. **Educação ambiental e gestão de resíduos**. São Paulo: Rideel, 2008.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, Rodrigo; STEENBOCK, Walter. Aspectos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem de agrofloresta, no âmbito da cooperafloresta. In: STEENBOCK, Walter. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. Cap. 4, p. 61-84.

TRIGUEIRO, André. **Ambientalistas e jornalistas**: uma relação de utilidade pública. In: MANUAL de comunicação e meio ambiente. São Paulo: Petrópolis, 2004. p. 117-118.

URBAN, Teresa. **Missão Quase Impossível**: aventuras e desventuras do movimento ambientalista no Brasil. São Paulo: Petrópolis, 2001.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

APÊNDICE A – Questionário

- 1- Quantas pessoas são associadas ao InGÁ?
- 2- Como o InGÁ se comunica com o seu público interno e externo: através de blogs, site, facebook, twitter, panfletos, palestras, reuniões?
- 3- Quanto à visibilidade, como é que atuação da ONG aparece nas mídias da cidade e do estado?
- 4- Como a ONG consegue aferir sua credibilidade frente ao público?
- 5- A ONG tem assessoria da comunicação? Quantas profissionais da comunicação que a ONG tem? Qual é o seu espaço na mídia?
- 6- Como é feito p diálogo da ONG com o seu público?
- 7- O InGÁ consegue atingir o objetivo de se comunicar com o seu público? Como verifica isso?
- 8- Quais são os principais temas abordados pelo InGÁ nas suas mídias e nos seus eventos?
- 9- Quais são os eventos que o InGÁ realiza ou participa?
- 10- O InGÁ consegue atingir os seus objetivos de educação ambiental através dos seus eventos?

ANEXO A – Documento de consentimento para o uso das informações concedidas através de entrevista

Documento de consentimento para o uso das informações concedidas através de entrevista

Eu, Paulo Brack....., identidade nº 7009027116....., aceito participar da pesquisa para a elaboração do TCC de Ângelo Antônio Ferreira respondendo perguntas por ele formuladas, através de uma entrevista. A pesquisa é intitulada “ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: estudo a partir da organização não governamental Ingá Estudos Ambiental” e tem como orientadora a Profa. Dra. Ilza M.T.Girardi (ilza.girardi@ufrgs.br).

Porto Alegre, dia 24/março.....de 2013.

Assinatura: Paulo Brack.....

ANEXO B – Documento de consentimento para o uso das informações concedidas através de entrevista

Documento de consentimento para o uso das informações concedidas através de entrevista

Eu, MATEUS RAYMUNDO DA SILVA, identidade nº 907230312, aceito participar da pesquisa para a elaboração do TCC de Ângelo Antônio Ferreira respondendo perguntas por ele formuladas, através de uma entrevista. A pesquisa é intitulada “ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: estudo a partir da organização não governamental Ingá Estudos Ambiental” e tem como orientadora a Profa. Dra. Ilza M.T.Girardi (ilza.girardi@ufrgs.br).

Porto Alegre, dia 20 DE JUNHO de 2013.

Assinatura: Mateus R. da Silva